

ILUSTRAÇÃO



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAIS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*. 1 vol.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justiça*. 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



— Oh! Esta pessoa é nova cá em casa!!!

Este é um anúncio da

Anglo Portuguese Telephone C.º Ltd.

R. NOVA DA TRINDADE, 43 — LISBOA

RUA DA PICARIA, 5 — PORTO

NOVIDADE LITERARIA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS DURANTE ALGUMAS SEMANAS

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

2.ª EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield - A luva - Segunda mocidade - Crianças - Suas Magestades - Velocidade - O baile da Embaixada - O direito dos filhos - As rosas de Sœur Jeanne - A boneca e os quatro maridos - Os pais dos nossos netos - O «Prelúdio» de Rachmaninoff - Sua Excelência a ministra - A campanha de alarme - Paz amarela - Diálogo radiofónico - Escola de maridos - As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc..... 15\$00

broch 10\$00

Pedidos à

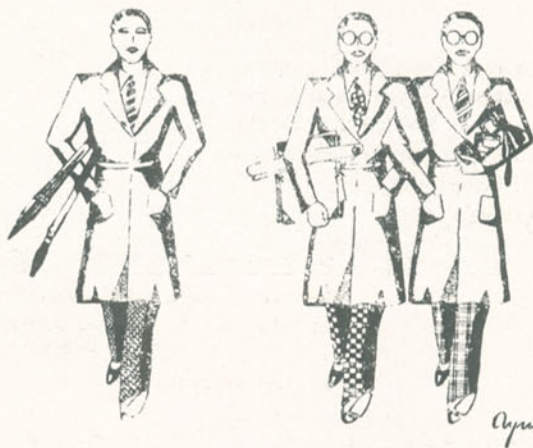
S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
21308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consigliere Pedrosa* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a cores, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-textes* em papel couché, in-4.^o.—Encadernação própria e cerca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

110 tomos — 19 volumes

Accitam-se assinaturas desde o início, facultando-se, a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada volume, encadernado	65\$00
Cada tomo, brochado	8\$00
Encadernação por cada volume	2\$50
Capas para a encadernação	15\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERÁPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CARBO-
GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisações,
etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



Porquê?

Por que motivo sofre resignada das suas dores de cabeça, se toda a gente sabe que a Cafiaspirina é um produto de toda a confiança, absolutamente inofensivo para o organismo, e que rapidamente suprime todas as dores, por violentas que sejam?

Cafiaspirina



O PRODUTO DE CONFIANÇA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO FOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUPOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata

1 volume de 300 páginas, brochado . . . 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estoujo com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peca-os ao seu fornecedor ou directamente à Academia Scientifica de Beleza — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado . . . 20\$00
Encadernado . . . 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Crónica da Quinzena

A PRESSOU-SE a dizer que não hou-
vera crime. O incêndio teria pois
sido casual. Tanto o do Atlanti-
que», como o do «Georges Philip-
part», e outros de menor valia, assentam
em desdita. Assim o afirmou.

Ora o triste fado deixou de empre-
gar-se como explicação séria, nos tempos
que correm. Tal desculpa aparece no
geral para tapar misérias conhecidas, in-
confessáveis.

Não foi o que aconteceu neste caso.
O ministro procurou apenas, com o ex-
pediente, ver se conseguia arrefecer o
nervosismo popular, disposto a dizer,
senão a praticar, qualquer destempero.
Ninguém poderia tomar como sincero,
nem fundamentado, o parecer repentino,
entregue à publicidade, sobre a origem
do sinistro. O mais simples exame mos-
tra que as probabilidades maiores se
voltam justamente para um acto preme-
ditado por peritos de alta competência.
De pronto é o que à inteligência se
oferece aceitável. Dificultosa de justi-
ficar aparece, sim, a hipótese do aci-
dente fortuito.

Basta pôr a questão: «Se a Inglaterra,
Alemanha, Itália, possuem navios de
condição igual, em luxo, mecânica, com-
bustível, instalação, capacidade, porque
motivo só à França acontecem aquelas
desgraças?» Não se aceita o erro de
técnica a construir, ou a conservar e
conduzir, privativo daquele país. É
absurdo supôr segredos conhecidos de
todos os outros, ignorados somente pelos
franceses. Estulto se apresenta consi-
derar a sua ciência, em qualquer ramo,
abaixo do par, ou desviada do mais alto
nível, atingindo nas escolas do mundo
inteiro.

Por este lado da imperícia não se en-
contra nesga por onde passe uma sus-
peita. Fiquemos pois em que o acidente,
a provir de fatalidade, haveria de casti-
gar também os similares das outras na-
ções, porque a fatalidade também usa
de regra na distribuição das suas penas.

O crime aceita-se como causa única
apresentada pela lógica.

Uma vez aqui chegados reconhecerem-
os também que esse não parte de
pessoa individual. Um crime daquelas
proporções custa muito caro e não apro-

veita a interêsse restrito. Só uma cole-
tividade grande, pode tomar iniciativa
de tal envergadura.

O atentado não cabe na vulgar con-
corrência comercial, empresa contra em-
presa, nem mesmo pavilhão contra pa-
vilhão. Visa mais longe. Quer atingir a
França em primeiro lugar, depois a cul-
tura que ela representa, como cabeça
mais alta e representativa.

Aqui chegados pelo raciocínio, se es-
praiamos a vista pelo quadro que apa-
rece, mais adiante, no ultimo plano,
fica-se horrorizado. Quasi apetece odiar
a ciência por se prestar a obra de tanta
perversidade. Quem sabe se um dia virá
a repetir-se uma catastrophe paralela á que
produziu a destruição da biblioteca de
Alexandria, para furtar aos homens o
emprego das suas armas mais odiosas?

Arrazar as escolas, os institutos, quei-
mar os livros, assim forçando o regresso
á estupidez, á ignorancia primaria, pode
vir como castigo do mau uso que se
fizer da intelligencia.

A Espanha continúa em seu penar
que promete ser longo. A embriaguês
de liberdade que tomou ha tempos, en-
trou-lhe como vício no corpo. E agora
não larga de beber. Hoje aqui, amanhã
além, grita, escabuja, faz tropelias, sem
atender á figura triste que apresenta ao
mundo.

Ha-de passar-lhe. Não duvidemos que
a veneta ruim findará um dia. O seu fun-
do moral, bem como a estrutura de civi-
lização, de milenaria existência, impe-
dirão que se desagregue, ou desvie do
pensamento occidental, mediterraneo, gre-
colatino, para cair na anarquia barbara de
timbre oriental. Voltará ao equilibrio, á
ordem que sempre orientou as socieda-
des desta região do globo. Forças im-
periosas, como as da natureza, desen-
cadeadas em momento difficil de prever,
existem latentes, ou adormecidas como
garantia de perpetuidade daquela forma
indestrutivel. A Espanha atravessa uma
crise passageira que já a molestou no
seu orgulho, e muito mais a molestará
ainda.

Não a demos por perdida, ou disso-

luta, nem escarnecemos dos seus ma-
les, como ela usou para conosco, ao
ver-nos agitados pelas convulsões que
atacam os regimens na sua infancia,
eguais ás que sofrem os meninos de
casta nervosa em idade tenra.

Sirva-lhe de lição a cura que alcançá-
mos, obtida por mercê do tempo. É ver
que tudo cança, ou aborrece, ás pes-
soas, como aos povos. Portugal fartou-
se de tiros, de bombas, como se fartou
de empregar o titulo de revolução a
propósito de qualquer tumulto, mantido
nas ruas por espaço de algumas horas.
E reconheceu no fim que, depois de tanto
barafustar, dentro do território se não
operára revolução nenhuma, pois quanto
se conhecia de bom ou mau, no tempo
do Mestre de Avis, se encontra intangi-
vel, em carácter, costume e lei.

A Espanha, com mais uns meses, ou
talvez anos, também terminára por des-
cobrir que desde Ordonho, o Mau, ou
Afonso, o Sábio, permanece a mesma,
que foi em vida dos Celtas.

Apareceram nos escaparates dois li-
vros. Um tem o titulo de «Alta Roda».
Assina-o Júlio Dantas, o mestre com
escola sua, estilo seu, original e distinto
de quantos vivem e quantos viveram na
literatura portuguesa. A maneira sinté-
tica, por instantâneos, que usa para re-
tratar a vida do seu tempo, ninguém a
executa como êle. Pode também dizer-se
que o espirito rectilíneo, breve, desta
época, aparece na sua forma e seu pro-
cesso de escrever. A arte literária que
produz vem talhada por aquele molde.

Aquilino Ribeiro apresenta «As Três
Mulheres de Sansão» um volume com
duas novelas escritas na linguagem que
desde o livro inicial, faz o seu timbre e
sua incontestável glória.

Em cada autor deve procurar-se o que
tem de bom, ou de mais excelente.

Neste predomina a fluidez do estilo
que revela claridades e sons de manhã
de Junho. Quem aprecie tal volúpia, pode
sorvê-la no novo livro de Aquilino em
abundância, como de cântara a que o mais
sequioso não consegue ver o fundo.

Samuel Maia.



Retrato do Rei D. Afonso V
(Pormenor do Painel do Infante)

dências artísticas (cantava, tocava manicórdio), histérica, desigual, sujeita a delíquios (no dia do casamento, o peso da opa bordada de ouro e as luzes das tochas fizeram-na desmaiar), ambiciosa, inteligente, como o demonstrou nas lutas políticas da regência. Morreu em Toledo, de um clíster envenenado, ao que parece («súbitamente, de una aynda que le hiciéron», diz Perez de Guzman, *Chr. de Juan II*, CXV), tornando-se desde logo notados os vergões róxos que apresentava o cadáver (Florez, *Memórias de las Reynas católicas*, II). Provinha, esta princesa, dum estirpe de degenerados e doentes. O pai dela, Fernando I de Aragão — avô, portanto, de Afonso V — era um ser efeminado, andrógino, «las ancas redondas, blanco, colorado, rubio», sujeito a dermatoses («mejillas un poco tan malantas empañadas de paños»), blearítico («ojos bermejos»), destituído de toda a espécie de energia e de vontade, como o descreve Perez de Guzman: «muy hermoso, la habla vagarosa y floja, y aun en todos sus autos era tardío y vagaroso» (*Generaciones, semblanzas y obras*, app. à *Chr. de Juan II*, cap. II). Um tio de D. Leonor — tio-avô de Afonso V — o rei Henrique III de Castela, o *Enfermo*, «príncipe de complision malsana» (Colmenares, *Hist. de Segóvia*, XXVII, 304), teve, «cuando llegó a los diez y siete años, muchas y grandes enfermedades que le enflaquecieron el cuerpo y se le dañó y afecó de semblante» (Guzman, *Generaciones, semblanzas y obras*); e disforme, hipocondríaco, fugido de todos como uma sombra («la mayor parte del tiempo estava solo y melancolioso», Op. cit.), morreu aos 27 anos. Dois irmãos da rainha D. Leonor, Afonso V de Aragão, o *Magnânimo*, e João II de Castela, aparecem fortemente estigmatizados nos retratos subsistentes (tábua de mestre Marzal, no Ayuntamiento de Valência, e retrato da coleção do duque de Villahermosa); o segundo «hablaba gançozo y por los narices» (Gonzalo Illescas, *Hist. Pontif.*); o primeiro, prognata, hiperestésico sexual, célebre pelo seu nariz enorme, mantinha ao mesmo tempo duas das suas amantes — «madama Lucrécia» e «madama Leonor» — na opulência e estado de rainhas.

Afonso V nasceu «em Syntra, XV dias de janeiro, terça-feira, três horas e terço antes do meio dia, era de 1452» (nota do próprio pai, D. Duarte, no

A MEDICINA NAS TABUAS DE NUNO GONÇALVES

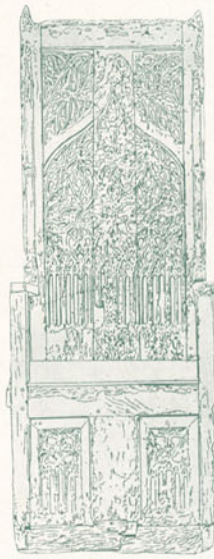
Doença e morte do rei D. Afonso V

livro da Cartuxa, de Evora), no paço da vila e na sala das Irmãs, ou das Colunas, que fica por baixo da sala dos Brazões, entre o jardim de Lindaraya e o terreiro da Meca (Sabugosa, *Paço de Cintra*, 31). Nessa mesma sala morreu, quarenta e nove anos depois (28 de agosto de 1841), de uma doença aguda, febril, que encontrou o seu organismo deprimido pela fadiga física e, sobretudo, por uma grande dor moral. O que se sabe do seu hábito externo é o que diz Rui de Pina (*Crónica*, cap. CCXIII, pag. 607, 608), e o que mostra o retrato do políptico de Nuno Gonçalves. Era alto, «mais de grande que meã estatura»; magro ainda aos 30 anos, data provável do retrato; face trigueira, seca, sem estigmas aparentes, «bem povoada de barba preta»; «todalas partes do corpo muito cabeludo» (hipertriquia). A partir dessa idade accentua-se nele a braditrofia característica das raças reais; apesar de «muy regrado no comer, beber e dormir», torna-se obeso («nos deradeiros dias foy algum tanto envolto em carne, e por encoberta disso costumava sempre vestiduras soltas», diz Rui de Pina); «depois de trinta anos — continua o cronista — começou a ser calvo». *Vita sexualis* moderada: «havendo não mais de XXIII anos, ao tempo que a rainha sua mulher faleceu, sendo aquela idade de maiores pungimentos e alterações da carne, tendo para isso muita disposição e despejo, foi depois acerca de mulheres muy abstinate, ao menos cauto». Homem intelectualmente culto (desenvolveu a biblioteca do pai); tendências artísticas, como a mãe («folgava muito de ouvir música»); accentuada oníomania; espírito simples, exaltado, impressionável, cavalheiresco; já na Renascença, a formação mental dum príncipe medieval.

Não é fácil reconstituir a história patológica de Afonso V até nove meses antes da sua morte. A sua primeira doença conhecida é a de novembro de 1480, por ocasião da profissão da *Beltraneja* — com quem se casou, ao que parece, sem consumir matrimónio — e está intimamente ligada ao drama político que determinou a reclusão monástica desta princesa. É bem conhecido este drama. D. Afonso V propôs-se defender os direitos da sobrinha D. Joana ao trono de Castela — direitos contestados por Fernando e Isabel, a *Católica*, com fundamento na homossexualidade e na incapacidade do rei Henrique IV (Pulgar, *Claros Varones de España*, pag. 1; Colmenares, cap. XXXIV, pag. 415) e, por conseguinte, na ilegitimidade do nascimento da pobre princesa, considerada

filha adúlterina da rainha (D. Joana, filha póstuma do rei D. Duarte) e de Beltrão de Lacueva —; e, casando com a *Beltraneja*, que então (1475) contava apenas 15 anos, reunia na sua frente as corôas de Castela e de Portugal, dando um passo decisivo para a unidade política da Espanha. Esse sonho desfez-se no campo da batalha de Toro; em Roma, nas ante-câmaras pontificias, onde os nossos embaixadores não conseguiram obter dispensa para o casamento do rei com a sobrinha; e em França, na última entrevista do monarca português com Luiz XI, a quem foi pedir auxílio, e que representou com ele uma comédia vergonhosa. Commies (*Chronique de Louis XI*, liv. V, cap. 7) alude à depressão moral de Afonso V, depois dessa entrevista: «il se livra au chagrin, et s'imagina que le Roy pensait à le faire arrêter pour le livrer a ses ennemis; sur ce suppon, il disparait tout à coup, et prend le parti d'aller à Rome déguisé, pour se jeter de la dans un monastère et y vivre inconnu le reste de ses jours; mais il y fut re-

conhecido e arrebatado por Rabinnet le Boeuif, de Normandie». Regressando a Portugal num estado de profundo abatimento, não apenas moral, mas físico, lançou-se nas mãos do filho — pessoal e politicamente uma segunda edição de Luiz XI — entregando-lhe o encargo de negociar a paz com Isabel, a *Católica*, paz concluída em setembro de 1479 pela assinatura de um instrumento diplomático que, servindo os interesses do futuro D. João II, esmagava o coração do pai. Com efeito, por esse instrumento, que regulou dum maneira cruel a situação da infeliz *Beltraneja*, Afonso V tinha de escolher entre duas situações para ele igualmente dolorosas: ou a entrega da infanta em terçaria, até à nulidade do filho dos reis católicos, em condições que constituíam uma ameaça para a sua vida, porque decerto viria a sucumbir



A cadeira decorada em estilo gótico, conhecida como «cadeira de D. Afonso V», e que pertence ao Convento do Varatojo. (Século XV)



Sala das «Duas Irmãs» ou das «Colunas» onde nasceu e morreu D. Afonso V
(Desenho da ex-rainha D. Amélia)

Que doença foi essa? Damião de Goes (*Crónica do Príncipe D. João*, cap. CIII e CIV) depois de narrar os acontecimentos, cujo odioso atribue ao futuro D. João II, diz que o rei os sentiu «com tamanha dor, que logo em Coimbra adoeceu de pura melancolia, de que esteve a ponto de morte». Rui de Pina (*Crónica de D. Afonso V*, cap. CCVIII) refere pouco mais ou menos o mesmo: «E neste tempo e na mesma cidade de Coimbra adoeceu El-Rei D. Afonso de grande enfermidade, de que esteve à morte, e a causa

dele, segundo seus accidentes, era sómente reportada a nojo e padecimentos que recebia por a mudança de coisas da Excelente Senhora, para que era constrangido». «Pura melancolia», «accidentes», «ponto de morte», ou seja uma forte depressão moral agravada por um fundo nevropático hereditário, com perturbações nervosas, possivelmente cardíacas, síncope, lipotímias. Esteve ainda doente alguns meses; melhorou; mas persistiu o abatimento, a tristeza, um certo grau de destesia psíquica: «dal por diante não se sentiu mais nele gôsto, nem contentamento de coisa que fizesse, nem visse fazer, andando sempre só, apartado, fugindo de todo género de companhia, com verdadeiro propósito de se recolher ao mosteiro de São Francisco do Varatojo, para nele servir a Deus em hábito secular» (Goes). A ideia, porém, dum psicose, mesmo *sine delirio*, parece-me dever ser posta de parte: o monarca esteve sempre «em todo seu entendimento e juízo natural» (Goes); o estado doloroso da sua consciência foi sempre motivado. Em julho de 1481, tendo definitivamente resolvido deixar o mundo e fazer vida monástica, partiu para Beja, onde estava o filho, para tratar da convocação das cortes gerais que deviam reconhecer o novo rei. No princípio de agosto foi o paço de Sintra aguardar os actos preparatórios dessa solenidade. «Daí a poucos dias — diz Goes — adoeceu de febre». Rui de Pina confirma: «adoeceu de febre muy aguda». O príncipe, chamado à pressa, encontrou-o «já em disposição mortal e sem esperanças de vida» (Pina); «desengano dos médicos» (Damião de Goes). No dia 8 de agosto de 1481, depois de ter feito testamento, morreu. Portanto, uma doença febril aguda, instalando-se bruscamente, com temperaturas altas e sem localização aparente, num organismo fortemente deprimido pelo *surmenage* físico e moral. Duração da doença: quatro ou cinco dias, o máximo. Infecção palustre de forma perniciosa, febre tifóide adinâmica, gripe hipertóxica, meningite cérebro-espal? Impossível dizê-lo, ao certo. Ignora-se a causa próxima da morte; mas conhece-se a causa remota. Afonso V foi vítima do drama político que o aproximou e o separou da sobrinha; que tornou, ao mesmo tempo, possível e impossível a sua paixão dos cincoenta anos; e que, abrindo à pobre *Beltraneja* as portas dum mosteiro, lhe abriu, a ele, as do túmulo.

PROPONHO-ME estudar, sob o ponto de vista médico, algumas das figuras que povoam as maravilhosas tabuas de Nuno Gonçalves. Ocu- par-me-ei hoje do rei D. Afonso V, admiravelmente representado no painel do Infante. É, como se sabe, a figura ajoelhada no primeiro plano, à esquerda, retrato sem dúvida pintado do natural, ao contrário do que sucede à figura orante da rainha, que é manifestamente, como muito bem nota o meu amigo sr. dr. José de Figueiredo, um retrato póstumo.

D. Afonso V foi o terceiro gênito e o primeiro varão viável (o infante D. João morreu ao nascer, em 1429) da descendência do rei D. Duarte e da rainha Leonor de Aragão, em cujo tálamo se cruzaram, mais uma vez, as estirpes consanguíneas de Portugal, de Aragão e de Castela. O pai, D. Duarte, um nevropata hereditário, psico e mielasténico, descendente de epileptícos, caso já por mim largamente estudado (1), vitimou-o a peste. A mãe, D. Leonor, filha de Fernando I de Aragão, neta de João I de Castela e bisneta daquela filha de D. Pedro I de Portugal, D. Beatriz, suspeita de incesto com o irmão (Fernão Lopes, *Crónica*, cap. CLVII), era uma mulher louca, «formosa, os cabelos ondado à maneira de alemoa» — como escreve o infante D. Henrique, em carta ao pai — com ten-

(1) A *Neurastenia de D. Duarte*, comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa e publicada no *Arquivo de Medicina Legal*, números de março a junho de 1930.

Napoleão e as mulheres

CESAR, Alexandre Magno, Carlos Magno, Napoleão formam o quarteto supremo do gênio guerreiro universal. Mas Napoleão — que submeteu quase toda a Europa ao seu braço potente, assombrou o mundo com seus prodígios de epopeia e cuja memória, como a dos seus pares, eternamente viverá na História, — por ironia cáustica do destino não conseguiu fazer-se amar das mulheres.

Nimbado de glória, prestigiado pela valentia, aureolado pelos fulgores coruscantes duma corôa imperial, dispondo de vastos poderes, foi incensado pelos turbidos de todos os lisongeiros de ambos os sexos, e de fingidos amoricos e logo atraído ou pior ainda — esquecido. A empreza comezinha, para qualquer homem banal, de acender uma paixão num peito feminino, foi inacessível ao herói de Austerlitz.

Contudo, segundo rezam os cronistas contemporâneos e que mais de perto conviveram com o grande soldado, não lhe faltavam as qualidades atraentes que costumam seduzir e apaixonar as mulheres.

De origem grega, — bem o prova o seu perfil — tinha o sorriso cativante, o olhar vivo e encantador, sobretudo na expressão de doçura, as mãos formosíssimas. Habitualmente taciturno e exprimindo-se com certa dificuldade, quando tocado de entusiasmo, a sua palavra adquiria elegância rara e assombrosa fluidez.

Mas as mulheres que fingiram amá-lo, nunca descobriram nêlo o homem. Só viram o semi-deus admirado e não amado. Apeado do sólio imperial, morre sem a coluna amorosa dum colo de mulher a ampará-lo, sem as carícias de meiga mão fe-

minina a adoçar-lhe as dores do trespasse.

Noivo, quando simples tenente, de La Montansier, nessa data rija velhota de sessenta anos já contados, nem por esta é amado.

La Montansier, criatura de notável maleabilidade na arte difícil de *savoir vivre*, enriqueceu em aventuras de gosto duvidoso e em talentosas e arrojadas emprezas teatrais.

Maria Antonieta estima-a. A revolução respeita-a. Napoleão é seu noivo. Só a primeira Comuna a incomoda um pouco.

Aos oitenta e cinco anos ainda vivia e não amava Bonaparte, porque — alma de excelente fibra — amava outros...

De Josefina Tascher de la Pape — viuva de Beauharnais a primeira mulher, mais tarde repudiada, ninguém pode afirmar que fôra amado.

E Napoleão amou alguém? Infelizmente para êle, amou. Primeiro Josefina, com amor intenso que resistiu a muitas beliscaduras dadas na fidelidade conjugal pela imperatriz. E depois amou Maria Luísa.

A esta com a paixão mais vibrante que pode fazer pulsar um coração humano.

Maria Luísa, frívola, caprichosa, fôra para o casamento por conveniências políticas e com repugnância. Chamava a Napoleão o Anti-Cristo e vê-lo era para si o pior dos suplícios. Vencida esta repugnância pela magestade imperial, em fogo fátuo dos sentidos, supõe corresponder ao sentimento profundo do marido e o revela na correspondência à confidente *Victoire* — a filha da sua governante. Napoleão parte para a Rússia. Maria Luísa segue para Praga, onde passa algumas semanas com a família. O pai dá-lhe como camareiro o conde de Neipperg, casado, pai de família. Dotado de maneiras primorosas, entusiasta pela música, falando e escrevendo com infinita graça, perdera um olho na guerra, o que não lhe diminui os atractivos, tal a sua virtualidade de sedução. Sob a aparente modéstia oculta o conde de Neipperg ilimitadas ambições. Giovanni Sforza assegura que nessa época Maria Luísa está convencida de que ama o imperador e é por isso insensível às gentilezas do camareiro.

Deportado Bonaparte para a

O Rei de Roma
(por
Lawrence)



Ilha de Elba, Maria Luísa segue para as águas de Aix.

É recebida por garboso cavaleiro, uniformizado de húngaro, que vem galopar à estribeira. É o antigo camareiro imediatamente reconhecido.

Quando Napoleão desembarca no golfo *Jouan*, há muitos meses que o seu lugar no coração da imperatriz está ocupado pelo conde de Neipperg.

Afirmada positivamente a morte do imperador pela «Gazette de Piemonte» que vai às mãos de Maria Luísa, ela, sem frêmitos de pena, lê a notícia e logo a comenta em carta para a querida *Victoire*.

Com generosa e cândida ingenuidade, declara «nunca ter tido pelo marido sentimento *vif d'aucun genre*, embora não possa esquecer o pai do seu filho que, ao contrário dos juízos do mundo, em vez de maltratá-la, a cercará sempre de carinhos sem par e de todos os respetos. Confessa-se grata a Deus por Napoleão haver terminado a sua penosa existência como bom cristão.

Viuvo Neipperg, Maria Luísa apressa-se a casar com êle. Morto êste, chorado por um ano — praso longo para os prantos saudosos da inconstante austríaca e que deve representar aos seus olhos o amor elevado ao superlativo, celebra terceiras núpcias com Carlos Renato, Conde de Bembelles, grão-mestre do ceremonial na côrte austríaca.

Monsieur de Falloux, em 1839, visita Maria Luísa e estranha que nem um busto, nem um retrato, assinalem vestígios do passado afecto daquela mulher ao homem que, dando-lhe o seu nome e o seu amor, a fez ascender com êle à glória da imortalidade.

Emília de Sousa Costa.



A imperatriz Josefina
(Quadro de Prud'hon)

UMA OPINIÃO AUTORIZADA

O CLIMA, O POVO E A ARTE PORTUGUESA

ESTEVE há dias hospedado no Estoril, de visita ao nosso país, o ilustre crítico de arte inglês Philip Carr, cuja autorizada opinião se faz ouvir nas colunas de três dos mais importantes jornais da língua inglesa—*The Observer*, *Manchester Guardian* e *New-York Herald*.

Philip Carr é um amigo de Portugal, no sentido mais justo desta expressão. Tendo visitado pela primeira vez o nosso país por ocasião do Congresso da Crítica realizado em Lisboa, desde logo afirmou a sua simpatia e o seu desejo de conhecer melhor o nosso povo, a nossa arte e os nossos costumes. Esta sua segunda viagem, que é prova evidente do interesse que ficou dedicando a Portugal, teve principalmente por fim observar tudo o que da primeira vez despertara a sua atenção e colher elementos para uma série de artigos em que às coisas portuguesas será dado o merecido relevo.

Quisemos ouvir a sua categorizada opinião e recolher as suas impressões sobre o nosso país. Solicitada, pelo telefone, a entrevista, Philip Carr acedeu, com gentileza, em nos atender. E nesse mesmo dia o vimos vir ao nosso encontro no *hall* animado e elegante do Palácio Hotel do Estoril.

Feita a apresentação e exposto o nosso desejo, Philip Carr dispôs-se a dizer-nos o que pensa do nosso país. Há uma curta pausa enquanto escolhe as palavras que hão-de abrir a entrevista, que nós aproveitamos para aprestar a caneta e o papel.

Estamos agora na sala de leitura do hotel. Um fiozinho de sol que se escapa através do arrendado caprichoso das cortinas põe uma mancha de claridade viva no tapete. E, talvez sugestionado por ele, Philip Carr diz-nos:

—Comecemos por falar no clima... Nas duas visitas que aqui fiz notei sempre a mesma admirável regularidade do clima. Posso compará-lo aos melhores que conheço, ao de Nice, por exemplo... Talvez mesmo com vantagem para o Estoril, onde a diferença de temperatura entre o dia e a noite é menor do que na «Côte d'Azur». O que não pode ser indiferente para as pessoas de compleição delicada.

—E sobre os portugueses, propriamente, o que nos diz? perguntámos no desejo imodesto de ouvir referências à nossa proverbial hospitalidade.

—Uma das coisas que mais impressionam o estrangeiro que chega a Portugal é aquilo a que podemos chamar «a doçura do acolhimento». É uma agradável impressão que se prolonga todo o tempo que aqui estamos. Sentimo-nos rodeados de carinho, de simpatia. Depois, os portugueses têm todos o aspecto de pessoas que sonham e os sonhadores são sempre simpáticos...

Vem a propósito recordar-se o Congresso da Crítica e a excursão pelo país que lhe pôs termo. E Philip Carr fala-nos dos pormenores que mais o impressionaram durante esse passeio.

—O que mais me impressionou... Posso citar-lhe, ao acaso, as Capelas Imperfeitas, da Batalha; a Biblioteca da Universidade de Coimbra; o túmulo de Ignez de Castro, em Alcoçaba. Neste último, em especial, admirei as belas figuras de anjos que ladeiam o túmulo e que são das mais belas esculturas góticas que conheço.

—E como aspectos panorâmicos?

apreciados por um crítico inglês

—Coloco em primeiro lugar a cidade do Porto. A sua disposição em terraços, na escarpa que domina o Douro, é admirável. Não conheço outra cidade que dê essa extraordinária impressão e não creio que ela exista em todo o Mundo. Lisboa tem também uma magnífica disposição. Mas pode ser comparada a Nápoles, a Constantinopla... Ao passo que o Porto é um caso único.

E prosseguindo, depois duma pausa curta: —Para um homem de letras, Lisboa tem uma coisa que a torna, por assim dizer, lugar de obrigatória peregrinação. É aí que repousam os



Philip Carr

restos mortais de Henry Fielding, um grande escritor, e pode dizer que o criador do romance inglês. Deixou a pátria, em busca de alívio para a grave enfermidade de que sofria, e aqui veio a morrer em 1754.

Passam junto de nós figuras fleumáticas de ingleses, hirtos na sua silhueta britânica, um cachimbo fumegante entalado nos dentes. Aproveitamos o silêncio de poucos momentos para observar melhor o nosso entrevistado. É a mesma silhueta hirta, os mesmos gestos rígidos. Mas encimados por uma cabeça em que o olhar distante, o cabelo já grisalho, põem uma nota inesperada de romantismo—o romantismo compatível com o figurino inglês.

É Philip Carr quem rompe o silêncio:

—Uma das coisas que notei em Portugal é a sobrevivência de certas cousas antigas, o que demonstra que Portugal não está ainda, e felizmente, estandardizado. Recordo, por exemplo, os costumes dos camponeses e os barcos de pesca cuja proa recurvada revela a persistência de tradições milenárias.

—Para terminar, diga-nos algumas palavras sobre a arte em Portugal—pedimos,

—Tive há dois dias o grande prazer de visitar o Museu de Arte Antiga na companhia de José

de Figueiredo. Conhecia já as telas dos antigos mestres portugueses expostas há tempo em Paris. Mas o que me admirou mais, agora, foi ir encontrar verdadeiros tesouros das escolas holandesa, alemã e inglesa que são quasi desconhecidos da maioria dos amadores de arte. Conheci assim alguns belos quadros de Franz Hals, Bosch, Memling, Hopner, e outros.

—E quanto à organização do Museu?

—É perfeita. De resto, é natural que assim seja visto que à sua frente se encontra José de Figueiredo. A conversa que com ele tive faz-me considerá-lo como uma verdadeira autoridade nêstes assuntos. Fala com segurança, com profundos conhecimentos e também com uma admirável modestia. Creia que o digo com muita convicção.

—Conhece alguns escritores portugueses? — perguntámos após um silêncio.

—Apenas António Ferro...

—Que opinião forma sobre ele?

—Não conheço a sua língua e não lhe posso, portanto, dar uma opinião segura. Quando eu era estudante em Oxford, um grande crítico que se chamou Walter Pater deu-me esta definição que nunca esqueci: «Prosa são as palavras na sua melhor ordem; poesia, a melhor ordem com as melhores palavras». Se assim é, só conhecendo profundamente uma língua se pode avaliar o mérito da sua prosa pela ordem em que as palavras se encontram dispostas no discurso. Em todo o caso, tenho-o ouvido por diversas vezes falar em francês e posso dizer-lhe que o faz com graça natural, numa linguagem cuidada.

—Conhece a arte moderna portuguesa? — inquirimos, mudando o rumo à conversação.

—Muito imperfeitamente. Ainda não dispus de tempo para visitar a exposição na Sociedade de Belas Artes, o que conto fazer dentro de poucos dias. Mas sei que há em Portugal autênticos valores...

—Crê que o nosso ambiente seja favorável à evolução de uma arte moderna?

—Com certeza. O facto é mesmo evidente na arquitectura, apesar de ter, por ora, pouca extensão. Para não ir mais longe... Veja a decoração desta sala. A combinação das côres é felicíssima. Se antes de a conhecer me tivessem dado uma lista destas côres audaciosas eu julgaria impossível harmonizá-las. E contudo aí as tem formando um conjunto de excelente efeito. É que os portugueses, habitantes de um país de belo sol, têm mais do que qualquer outro povo a intuição da cor. Basta que saibam integrar essa admirável intuição no espírito da época para que consigam realizar uma arte verdadeiramente moderna.

Estava terminada a nossa missão.

Um *shake-hands* vigoroso, rígido, pôs termo à entrevista. Quando saímos do *hall* onde se cruzavam, confusamente, ecos de conversações, em quatro ou cinco línguas diversas, já o casino resplandecia de luzes. A linha do horizonte, lá para os lados do mar, era uma larga faixa de vermelho intenso. O sol despedia-se, por algumas horas, desse recanto privilegiado do Estoril a que nem mesmo nos dias de inverno ele deixa de vir trazer a sua carícia tépida e benéfica.



Porta das antigas muralhas de Trau chamada da Terra Firme

No extremo ocidente europeu, a notícia de que na Dalmácia jovens exaltados, reunidos em manifestação tumultuária, andaram quebrando leões de pedra pelas ruas da cidade de Trau, desperta muito débil emoção.

Pode supor-se que se trata de qualquer desregramento de ébrios, tão estúpido se apresenta o atentado.

Tudo se imaginará, sobre o incidente, menos o seu vero motivo determinante, por ser o mais absurdo. Quando se diz que a paixão política, levou uma arruaça de ginastas moços áquela violência, dá vontade de não acreditar.

Pergunta-se que relação existe entre símbolos de pedra, meros documentos históricos, e a embriaguês do patriotismo?

Logo se vê que entre civilizados, na posse do senso comum, se considera inadmissível qualquer sentimento capaz de conduzir a tal excesso. Só um sangue quente, indómito, como o da gente balkânica, mal acomodado ainda á recente cultura, explica a ocorrência dupla-

mente infeliz, primeiro pelo acto em si, segundo pelo que dele pode resultar de inquietante para a paz do mundo. Como assim?

A Itália declarou-se afrontada e reagiu com palavras duras, proféridas nas tribunas mais altas. Aqui o melindre. Os leões quebrados eram os representativos de Veneza, durante séculos senhora naquela região. A Sereníssima, como todos os Estados usam, foi gravando, por onde se estendeu, o seu braço que sumariamente se resume no leão alado, do evangelista

S. Marcos. A cidade de Trau, o «Traghirium» dos romanos ou «Tragurion» dos gregos, durante o esplendor da aristocrática república dos doges manteve-se dentro desse Estado. Só na decadência, a casa de Áustria conseguiu deitar-lhe a mão, guardando-a sugeita até ao fim da guerra, momento em que passou à Iugoslávia, como parte da Croácia. Não conseguiu o elemento germânico desvenezá-la, como o não consegue o eslavó sêrvio.

A italianidade impressa pela antiga senhoria venesiana,

OS LEÕES DE TRAU

no lugar e na gente, permanece viva. E tanto que os da margem ocidental do Adriático consideram a região como irritada. Daí assanhar-se o nacionalismo sêrvio que á pressa querendo fundir em pátria uma cascalleira de elementos dispares, se vê cercada de reacções adversas.

Acham-se, pois, em presença duas paixões indomáveis e opostas que a todo o momento fálham. Os distúrbios que conduziram á insensata destruição de algumas obras de arte, procedem dessa origem. Grupos de jovens, filiados nos «sokols» que na Checo-eslováquia existem para fins educativos e na Iugoslávia tomaram timbre político, agitaram-se em manifestação destemperada, ciumenta do passado italiano, ávida de um futuro imediato sêrvio. E o melhor que acharam como missão, foi atirarem-se aos símbolos.

Ora a Itália não atravessa uma crise de resignação ou passividade. Manifestou também, irritada, batendo o calcanhar no chão.

A acalmar saíram os intelectuais Iugoslavos reprovando o desconchavo. Não basta.

O mal estar fica porque é antigo e não tem cura. De um lado e outro há espinhos fortes, difíceis, senão impossíveis

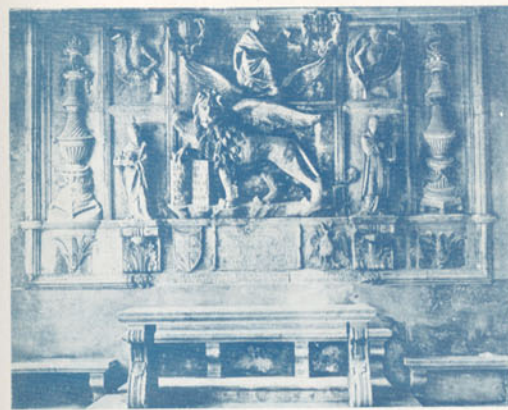


O Município de Trau, com a Loggia artistica e o belo torreão venetiano

de extrair. Ao terminar a guerra, a Itália pretendeu concluir a unificação, juntando todos os bocados que em 1870 ficaram de fóra. Considerava nessa condição a margem oriental do Adriático que, ao ser conquistada pelo Doge Pietro Orseolo II dera origem á cerimónia do casamento de Veneza com o Mar, em data fixa celebrada durante séculos. Ora isto aconteceu no ano 998.

Até aí, melhor ou pior, a província obedecia ao imperador de Bisancio. E depois apenas sofreu resacas do turco sem de todo sair da influência latina de Veneza.

Só em 1797 esse domínio se interrompe e, com fortuna vária, o lugar chega até 1918 sob cetro austríaco. Quer dizer, em dois mil anos, conserva-se pouco mais de um século fora do romanismo. Não se estranhe pois que persista de feição romana, em arquitetura, disposição, adorno, modo de ser. As obras de arte desse timbre enchem a cidade de Trau que em tal dotação se mostra a mais rica daquela faixa de território. Os edificios estão cheios de varandas, janelas, portas, arcos, inscrições, ornamentos, dísticos, flores, de marca venesiana. No que resta dos antigos muros ficaram duas entradas com os leões de S. Marcos, a Porta Marina ladeada por colunas, e a Porta de Terra



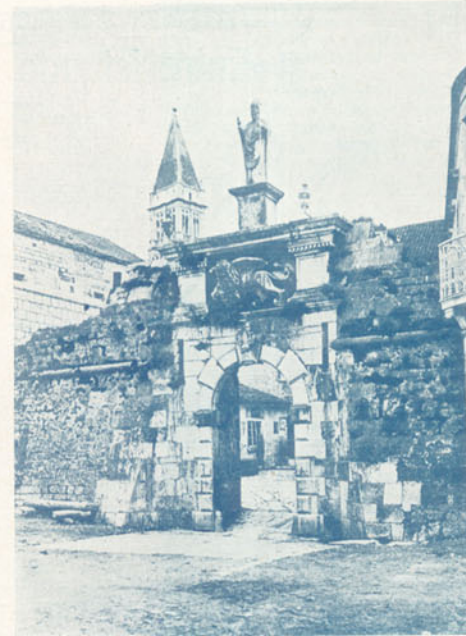
O Leão da Loggia obra de Andrea Alessi e Nicolo Fiorentino

Firme encimada pela estátua do Beato João Orsini patrono da cidade. Também outros monumentos dignos de nota como a Catedral, o Palácio do Município e uma Loggia ostentavam os mesmos leões. O da Loggia considerava-se obra de arte valiosa, construída em 1513 por Andrea Alessi e Nicolo Fiorentino.

Foram estes últimos os quebrados pela arruaça dos inflamados sokolistas sérvios que por esse modo supuseram concorrer para o engrandecimento e robustez da sua terra nacionalidade, ainda de passo vacilante.

Não tremeram ao cometer a impiedade nem se assustaram perante a ameaça escrita na página do evangelho que a pata de um dos leões segura, onde se lê: «Injusti punientur et semen impiorum peribit».

Contra o acto vandálico a loba do Capitólio uivou, rangeu os dentes, enquanto uma voz bradava que «não é



Porta Marina das antigas muralhas de Trau, Leão de Vera e estatua do Beato João Orsini

quebrando pedras que se elimina a história». Percebe-se bem o conteúdo de um «calte lá» na sumária resposta do tribuno.

É com viva emoção que as pessoas avisadas assistem a esta subida de temperatura, em ânimos que podem explo-

dir e atear o incêndio que tanto se receia.

Bem se sabe que o fogo devorador do ocidente mais duma vez começou naquelas chaminés.

A indole irrequieta dos habitantes daquela parte da Europa nunca mereceu confiança aos governos daquem Adriático.

Os antigos romanos olhavam-os com receio comparável ao daqueles pais que a todo o momento esperam tropelias dos filhos pouco assisados. O turco não exerceu em paz o seu domínio, nem alcançou, durante séculos de experiência e tentio, guiá-los com mão doce.

Falta-lhes a serenidade e prudência indispensável aos povos livres, responsáveis pelos seus actos. No génio impulsivo está o perigo de, quando menos se espera, atear uma labareda impossível de se extinguir.

Ainda não esqueceu a explosão de Serajevo que deu o resultado bem conhecido.

D. Loureiro.

N OITE fria de Dezembro. Serpenteando a campina alentejana, o monstro negro do combóio cumpria velozmente os horários da chegada e da partida. Em cada compartimento os agasalhos eram aproveitados em todos os seus bocadinhos, dada a circunstância da «chauffage» sêr só para «inglês vêr». Poucos conversam, porque, quando em viagem, as pessoas íntimas rareiam e não é útil o contacto com quem se não conhece.

Mas numa divisória da carruagem, e como que emoldurados no vidro fôsko da porta, uns olhitos azulados, muito vivos, uns olhitos de boneca articulada forçavam á contemplação dos seus olhares muito senhoris, muito femininos...

Era uma bonequinha destas que atraem todos nós quando expostas nas casas de brinquedos, ou como uma figurinha desprentenciosa mas cativante, das que em «soirée» distinta arrastam os encasados da festa, para o convite a uma valsa lenta. Porque as «soirées», são também amplos bazares onde se não compram brinquedos como nos outros, mas onde a nossa retina fixa ambiciosamente uma ou outra boneca, maior, com vida, com sensibilidade, a-pesar-de acontecer, que esta bonequinha do combóio também por uma lei excepcional e única, possuía a perfeição de andar e falar.

Viera em certo momento a bonequinha á janella, admirar a paisagem levemente escurcida e aqui e além salpicada ora pela luz fraca dum ou outro casebre pobre e sem conforto, ora pela «féerie» da cidade distante que o combóio passando pela encosta, animava sem uma saudade sem um cumprimento demorado.

É que os combóios são já do conhecimento familiar, de todos os dias, são já uns monstros simpáticos, perturbadores, embora, do silêncio da paisagem, mas desejados, admirados, porque são um símbolo do modernismo e da civilização. Mais uma paragem, outra, e outra, tudo étapes variadas em que cada passageiro dá finalidade á sua viagem quer de recreio ou de negócio. São sempre quilómetros e quilómetros que os rodados do combóio vão sulcando pesadamente até entrarem nasrectas que marginam o magestoso Tejo, então prateado pela lua claríssima a inundar tudo de luz, quer a terra adormecida e silenciosa, quer algum idílio amoroso onde se esbaterá atrevidamente, inoportunamente...

E eu teria passado toda a viagem contemplando a natureza enorme, gigante, formidável de beleza misteriosa, se a bonequinha com uma voz débilmente suave me não tivesse perguntado se ainda demoraria muito o percurso, pois apesar do seu alheamento aborreceram-se com os que

Viagem de Natal

Entrevistando uma bonequinha que fala e ouve

iam no seu compartimento. Possivelmente a bonequinha queria distinguir-me dos outros companheiros, mas como era muito dócil, muito senhoril, a sua voz cristalina obrigara-me á delicadeza de não lhe recordar quanto nós em criança, tratámos também sem estima os brinquedos. Mas aquela bonequinha não era como as outras... falava de bons livros e modernos autores, visto que tocada por uma varinha mágica tinha os sentidos apurados e sabia conversar.

E então lembrei-me de lhe perguntar quais as suas principais recordações, aquelas que mais encantamento lhe deixaram na sua alma infantil. E aquela figura graciosa e fina adivinhando o meu desejo disse-me com voz trémula:

— Acho interessante conversar consigo. Por essa razão pergunte o que quiser, mas sempre lhe lembro que uma bonequinha nem tudo pôde

figurinha mais velha e mais gentil, de todas as minhas cousas lá de casa, está doente. E todos os outros brinquedos, parcelas da minha alma muito feminina, muito infantil, andam tristes com a minha ausência.

— Com tanto carinho dos seus «camaradas» de todos os momentos, forcei ainda, porque se atreveu a sair da sua «boite» arrendada e fina?

— E ela explica um pouco triste: Fui visitar um irmãozinho muito amigo e muito «camarada». E assim conheci um pouco a vida real, a vida dos que sempre me trataram como simples bonequinha, com estima às vezes, mas muitas mais sem a devida compreensão das minhas qualidades. Todavia, agora que é Natal, vou ver se também lá em casa me põem alguma coisa no sapatinho... Mas conversei tanto consigo, que já me esquecia que o senhor é homem embora muito diferente das outras pessoas. Digame-me: Porque será?

Um silvo da locomotiva abafou as últimas palavras daquela graciosidade feminina e preparava-me para lhe dizer que também eu sou igual aos outros, com os mesmos defeitos e qualidades, quando a bocarra enorme do tunel nos enguliu velozmente. E a boneca articulada voltou ao compartimento para se juntar aos outros objetos que a acompanhavam, sem que eu pudesse explicar-lhe que as cousas da vida são tão contingentes, que até quando ela se julgava encontrada com a única pessoa amiga que conhecera, uma bôca gigante e inesperada punha termo áquela realidade feliz, fechando as nossas conversações e barrando com fortes paredes toda a natureza linda que a lua ainda prateava num crescendo de claridade suavíssima...

Passado o túnel, chegamos de novo á cidade, feérica, deslumbrante de luz... e de vaidade, enquanto a seus pés o rio parece entregar-se a confidências com as suas margens, que escutam e recebem em seu regaço o quebrar sêco das ondas no seu vai-vem interminável.

E uma aragem leve, suave, indo de encontro ás muralhas repercute pelo espaço uns ecos sónoros, plangentes, como sons perdidos, a adoçar a amargura de tanta gente que a cidade disfarça de felicidade permanente...

* * *

A viagem terminára e a bonequinha voltou para a sua «boite», para junto dos seus brinquedos, que, como ela disse, são pedaços da sua alma, muito feminina muito infantil...

... E o regresso duma viagem, é sempre o desabrochar de uma flôr linda no jardim das cousas que estimamos.

Moreira Ferrer.



1 0 6 1

contar-lhe da sua vida... e os senhores homens são por vezes tão máus...

— Contudo, — atalhei eu — diga-me aqui muito confidencialmente, e neste ambiente íntimo, quais as suas principais distrações e como lhe chamam os seus brinquedos.

E ela, olhando-me com confiança, com uma confiança que era já simpatia, começou:

— Deram-me um nome muito feio: Regina. E as minhas principais ocupações do tempo concentram-se em ler, e ser útil aos meus amiguinhos de família. Tenho lá por exemplo uma irmãinha que já me escreveu várias cartinhas a pedir-me para regressar; e a minha mãe que é a

UM ACONTECIMENTO LITERÁRIO

UMA OBRA PÓSTUMA DE HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Henrique Lopes de Mendonça, grande escritor que deixou vago um lugar, talvez impossível de preencher, autor dramático dos mais gloriosos que Portugal possuiu—volta, dentro de dias, a figurar nos escaparates das nossas livrarias. Vai publicar-se um obra póstuma do grande investigador histórico, intitulada A Alma do Trinca-Fortes, onde resplandece a alma tutelar de Camões. Prefacia-a Júlio Dantas, outro grande nome da literatura portuguesa. O actual presidente da Academia das Ciências, que teve o seu primeiro livro prefaciado por Henrique Lopes de Mendonça é quem abre as páginas do volume que o autor do «Duque de Vizeu» deixou escrito e que agora é posto à venda numa cuidada edição.

Henrique Lopes de Mendonça—diz Júlio Dantas—deixou alguns trabalhos inéditos, entre os quais o manuscrito de uma obra notável sobre Camões, infelizmente incompleta, obra de género difícil de precisar, ao mesmo tempo estudo de psicologia literária e tentativa de biografia romantizada, a que deu o título de A Alma do Trinca-Fortes.

Sobre a obra, que deixou o grande poeta e dramaturgo, diz ainda:

«A sua obra de linhas grandiosas e austeras, em que se sente, por vezes o toque do mesmo bronze de que é feito a obra de Herculano, constitui um dos mais belos, dos mais valorosos, dos mais nobres legados do neo-romantismo do último quartel do século XIX. Dramaturgo, romancista, historiador, arqueólogo, uma forte rajada heroica animou todo o seu labor literário em que faulham centelhas de epopeia, em que se adivinham musculaturas de titan, e em que o culto do passado, fundamentalmente moral das nacionalidades, nos aparece como característica dominante.»

Vamos transcrever algumas páginas do livro A Alma do Trinca-Fortes, referentes à figura da «Grácia»—cortezã espanhola que Camões encontrou em Goa, e ao que parece, cortejou com pouca fortuna.

.....
Visão deslumbrante! Deveria ter vindo da Europa na companhia de algum fidalgo, pela armada que em 1561 transportou para a Índia o vice-rei D. Francisco Coutinho, conde de Redondo. Seria ela pintada na minha imaginação, uma dessas vénus-vagas da nossa vizinha Espanha, cuja imigração ainda hoje em dia engrossa o feiticeiro batalhão de Citera, com séde em Portugal. De Espanha, porquê? Já veremos como em algo de concreto estribo a minha conjectura.

Se ela é exacta, o verdadeiro nome da beldade seria Grácia de Morales. E assim, com efeito, castelhanamente lhe chama Manuel de Faria e Sousa. Mas não precipitemos as aclarações.

Portuguesa ou castelhana, Morales ou Morais, o que parece averigüado é ser a recém-vinda senhora de predicados fascinadores, tanto de corpo como de

espírito. A sua brilhante personalidade em breve se tornou um centro irresistível de atracção para as borboletas de cossolete de aço ou de pelote de sêda, que constituíam a roda fidalga de Goa.

Não foram certamente as damas ali residentes entregar-lhe as chaves da cidade, conforme os desejos de Camões. É até provável que envergassem olhos torvos para a escandalosa «mulher solteira»; assim se designavam no tempo aquelas a quem os gregos quasi prestavam homenagens sacerdotais designando-as com o nome sonoro de hetairas. Merecê-las-ia talvez esta, se entre os

com ídolos brancos as subtilezas do seu engenho. E nós vamos ver como êle não se dedignou de recorrer à Musa para cumular de louvores ou de vitupérios a gentil cortezã, denunciando absoluta confiança na culta inteligência a que os endereça.

Antes, porém, vamos prover-nos ao arsenal manuscrito de algumas—infelizmente poucas—provas que êle nos fornece da sagacidade da moça.

São três anedotas, que passo a reproduzir, para quem não tivesse lido os meus anteriores estudos sobre o assunto.

Era muito assíduo nas suas visitas a Grácia um fidalgo grandemente enamorado de seus encantos. De uma ocasião, entrou-lhe em casa em companhia de um homem, que tinha fama de praguento e maldoso. Quem sabe—ocorre-me agora, um pouco temerariamente, em vista dos conseqüentes a que me reportaria—se seria o próprio Camões? Mas fosse quem fosse, parece certo que a ninfa, só acessível a quem bem lhe aprazia, manifestou claramente o seu descontentamento.

Sem embargo disso, dias depois, Grácia viu de uma janela os dois acercarem-se. Mas o fidalgo deixou o companheiro à esquina de uma travessa, e entrou sozinho.

Desfez-se o galan em amavios, conforme o costume. No decorrer do diálogo, protestou a Grácia não haver cousa que por seu serviço não fizesse...

—Até—encareceu êle—até fiar e tecer, se acaso o levásseis em gôsto.

Então, a feiticeira redarguiu com malícia:

—O tecer já vós o fazeis, para isso vindes cá tantas vezes. O fiar, vos peço, por amor de mim, que não seja do homem que deixastes àquela esquina.

Segunda anedota:

Havia na Índia uma mulher solteira, a qual se ligára a um chatim, rico de pardaús, produto de usadas traficâncias, e de úlceras, talvez resultantes de amorosas contingências. Inquiriram Grácia sobre o paradeiro desta sua colega na vid'airada Marta Luiz se chamava ela. E então a zombeteira cortezã deu uma resposta mordaz, indicativa de que lhe eram familiares certos passos da Sagrada Escritura:

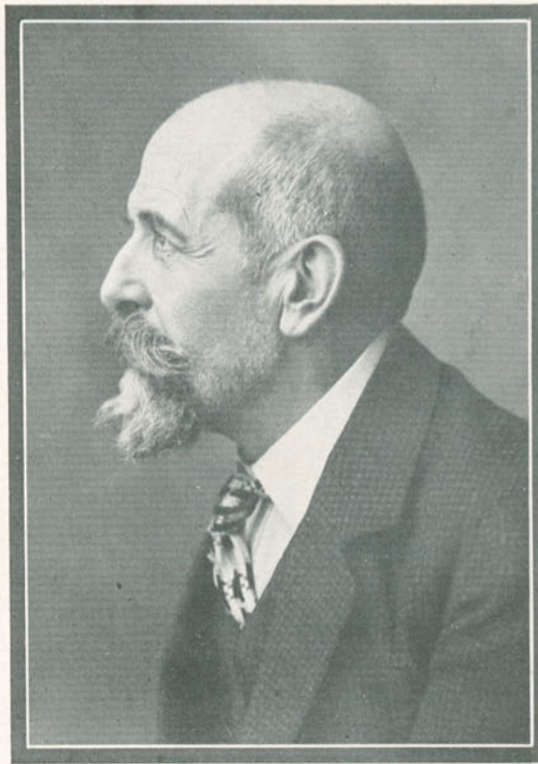
—Marta está com Lázaro.

De outra vez, andando o Vice-rei ausente numa expedição guerreira, bateu à porta de Grácia um soldado.

—Quem é?—preguntou a serva.

—Gente de paz,—foi a resposta.

Então, Grácia, que dentro ouvira o diálogo, acudiu logo:



Henrique Lopes de Mendonça

gregos houvesse vivido. A tradição, que dela se consignou num velho códice da Biblioteca Nacional de Lisboa, dar-lhe-ia a honra de figurar entre as Aspásias, as Frineas, as Laís, cujo perfeito envólucro corpóreo era gaiola de um espírito alado e subtil. Isso confirma o autor anónimo da inédita recopilação de anedotas, dizendo que ela era «tão discreta, que, pela ouvirem, a iam muitos fidalgos visitar». É discutível que a concorrência fosse apenas atraída pelos encantos da conversação. Mas não se me oferece dúvida que, num círculo em que não escasseavam letrados e poetas, a beleza espiritual valorizasse os donaires plásticos. Um homem da laia de Luiz de Camões não desperdiçaria decerto

— Abre sem medo, moça. Bem de paz deve ser quem fica em casa, quando o Vice-rei anda na guerra.

Este remoque, de espertano feito, mostra como Grácia, qualquer que fosse a sua nacionalidade, respirava à vontade no ambiente heróico, aliás já então bastante rarefeito no nosso império oriental. Não seria temerário atribuir-lhe outro incisivo sarcasmo, que o anónimo compilador de anedotas põe na boca de uma rapariga indiática. Foi o caso que esta, a pique de amarfanhar a virtude no amplexo de um galan efeminado, sentiu a tempo a revolta dos seus instintos varonís, e arredou-se com asco de um homem, que, segundo depois contava, lhe cheirara a âmbar e não a ferro. Digna compatriota das matronas de Diu, de Chaúl, de Mazagón!

Vejam se o acre perfume de epopeia não aumentaria os arroubamentos da grei cavalheiresca, entre a qual o poeta se abeberava daquela «fúria grande e sonora», que lhe inspirou porventura as primeiras estâncias dos *Lusíadas*.

Eu quero crer, com efeito, que as graças corpóreas e espirituais da galante aventureira imprimissem na alma do Trinca-Fortes vinco mais fundo do que a maioria dos numerosos amoríos, accusados por sua lira versátil.

Tentarei reconstituir, nas suas linhas gerais, o episódio em que ela teve as honras, um pouco espinhosas, de protagonista.

* * *

A indiscreta prova da sedução exercida por Grácia, acha-se nos seguintes versos, que figuram nas *Redondilhas*, sob o título: *A uma mulher que se chamava Grácia de Moraes*.

MOTE

Olhos, em que estão mil flores,
E com tanta graça olhais,
Que parece que os Amores
Moram onde vós morais.

VOLTA

Vêm-se rosas e boninas,
Olhos, nesse vosso vèr;
Vêm-se mil almas arder
Ao fogo dessas meninas.
E di-lo-hão minhas dores,
Meus suspiros e meus ais;
E dirão mais, que os Amores
Moram onde vós morais.

Depreende-se que o poeta impetrava as boas graças da diva, ainda sem grande confiança de as obter. Talvez menos tolhido de desesperança se me afigura êle, nas estrofes já citadas sobre a Formosura e a Graça, as quais visivelmente pertencem ao mesmo ciclo de inspiração feminina. Aí, já me parece entrever um vislumbre de esperança a dourar-lhe a alma:

Se me dessem a escolher
(Mas não tenho tal ventura)...

E na mesma indecisão se mantém ainda ao escrever os seguintes versos castelhanos, que eu conjecturo dirigirem-se ainda ao mesmo orago feminino:

MOTE ALHEIO

Vos teneis mi corazon.

GLOSA

Mi corazon me han robado;
Y Amor viendo mis enojos,
Me dijo: Fuéte llevado
Por los mas hermosos ojos,
Que desde vivo he mirado.
Gracias sobrenaturales
Me lo tienen en prision.
Y se Amor tiene razon,
Señora, por las señales,
Vos teneis mi corazon.

Porque motivo julgo êstes versos dedicados a Grácia de Moraes? Em primeiro lugar, pelo reiterado encarecimento dos olhos fascinantes e das graças que cativam o vate, mantendo o jôgo



Camões
(Quadro de Malhóa)

de palavras a que dá lugar o nome de baptismo; mas, principalmente, pela coincidência do idioma em que são escritos e da nacionalidade que eu tenho razões de atribuir à linda cortezá.

Para as fundamentar, passemos à mais luminosa peça dêste processo em que há anos ando empenhado. E vem a ser o soneto que, sob o número de ordem CCLVI, anda inserto no tomo II das *Obras de Camões*, edição da Biblioteca Portuguesa, Lisboa — 1852 (pag. 133). Não oferece dúvida que êle se irmana pelo enderêço às peças anteriores. O nome lá vem com tôdas as letras, logo ao começo. Ora o bisbilloteiro do Faria e Sousa afirma que o título manus-

critado do soneto era o seguinte: *A Grácia de Moraes, contra-hecho de uno de Garcilaso, que impieza, Ilustre honor, etc.*

O nome, conforme se vê, é todo êle espanhol.

Não nego que o onomástico Grácia fosse adoptado em Portugal. Um exemplo se me depara na comédia *Ulyssipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos. No elenco dos interlocutores figura com êsse nome uma serva mulata, a qual se exprime em português desassombrado.

Ainda hoje, as equivalências espanholas, como Carmen, Dolores, Mercedes, etc., nos ferem a miude os ouvidos, a designar portuguesíssimas damas, substituindo, por eufonia ou por snobismo, as formas nativas Maria do Carmo, das Dores, das Mercês, recebidas na pia baptismal.

São porém casos esporádicos, que não é lícito aduzir como elementos de prova. Regra geral, o nome Grácia individualiza espanholas, correspondendo ao português Graça ou Maria da Graça.

Indício mais importante é, contudo, o apelido Moraes, que Faria e Sousa leu no manuscrito original. Não é de presumir que o escrevente o houvesse a seu talante trasladado do português para o castelhano, na idea de o harmonizar com os dizeres do título. Mais provável é que Camões tivesse procedido ao revés, no propósito de coonestar a anfibologia entre o apelido Moraes e a flexão do verbo *morar*, a qual constitui o fundo engenhoso das redondilhas portuguesas acima transcritas.

É presumível que Grácia de Moraes andasse enfileirada na ala espanhola do batalhão de Citera, já então, como em nossos dias, numerosa em terras de Portugal. Assim, na *Ulyssipo*, já citada, aparece uma dessas propiciadoras de voluptuosidade, cuja pátria, antes de lermos suas falas em lingua alheia, torna logo patente o cognome de Sevilhana.

Por que estranhos baldões foi esta Grácia parar a terras do Oriente? É provável que algum fidalgo aventureiro, ou qualquer funcionário ultramarino, já habituado no reino às suas carícias, não se sacrificasse a prescindir delas, ao intentar viagem para a índia. Idênticas vicissitudes levaram também ao Oriente aquela celebre *Marquesa*, igualmente castelhana, cujas aventuras deram a Pinheiro Chagas a trama de uma novela interessante.

Ora a minha imaginação reconstituía a gênese do soneto CCLVI da maneira que vão vêr.

Suponho que a formosa Grácia embirrou com o poeta zarolho. (A alcunha plebea é de molde para acentuar o sentimento de repulsa num espirito que, por elevado que seja, sempre é o de uma mercenária do amor). Já o fiz antever, quando aventei a hipótese de que fosse Camões o objectivo da pecuinha, expressa na primeira das anedotas acima narradas.

Henrique Lopes de Mendonça.

A inauguração do monumento da Guerra Peninsular

No dia 8 foi inaugurado pelo Chefe do Estado o monumento comemorativo da Guerra Peninsular, cuja primeira pedra foi lançada há vinte anos. Imensa multidão presenciou o acto solene, a que presidiu o Chefe do Estado. Estavam presentes todo o mundo oficial, membros do Govêrno e os embaixadores de Espanha e Inglaterra, êste último neto paterno de lord William Russel, que acompanhou lord Wellington a Portugal durante a guerra peninsular. Junto das tribunas—armadas em frente do monumento—formavam o destacamento militar fardado com os uniformes do exercito português á data das campanhas com o exercito francês e forças das Escolas Militar e Naval, dos Pupilos do Exercito e do Collegio Militar, em guarda de honra.

O Presidente da República, acompanhado dos seus ajudantes passou em revista a guarda de honra e, apoz os cumprimentos, foi descerrar o monumento, tocando nessa ocasião as bandas regimentais o hino nacional, os ternos de cornetas a marcha de continência e apresentando armas as forças militares. A artilharia deu vinte e um tiros.

Minutos depois, logo que o sr. general Carmona chegou á tribuna, usou da palavra o sr. general Teixeira Botelho, que começou por dizer que após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, só agora se inaugurava o monumento



O monumento apoz a inauguração e um dos grupos que o circunda

Ao lado, um dos soldados fardado com o uniforme do exercito á data das campanhas com o exercito francês

Em baixo: aspecto do desfile das tropas



ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular», com o que a Comissão Oficial Executiva do Centenário da Guerra Peninsular, a que tem a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

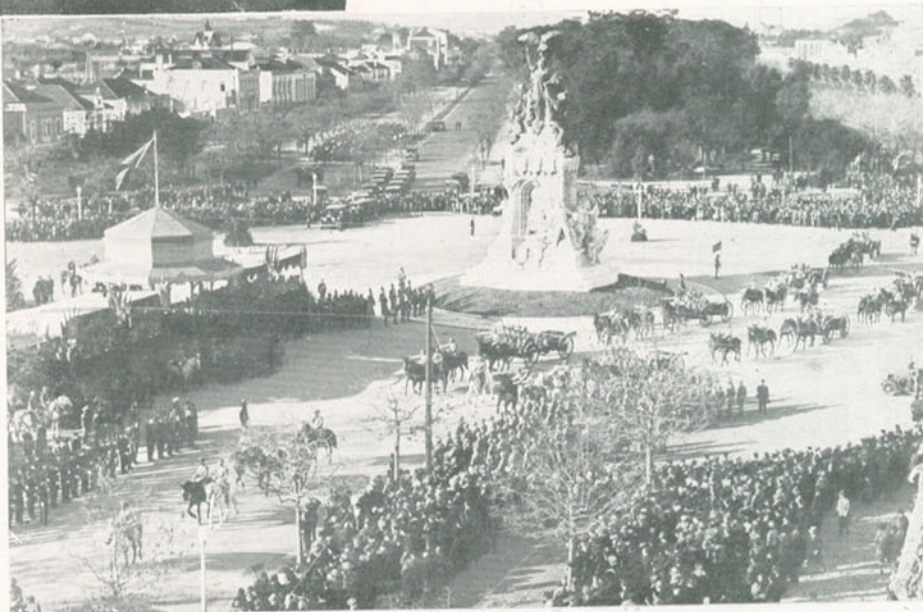
Disse ainda que o monumento é dedicado ao Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular: a êsse povo que, num impeto leonino, se ergueu para libertar a Pátria sem se deixar vencer por ter-

ros napoleónico que dominava a Europa; sem cuidar um momento se as suas forças podiam ou não com as do inimigo; e aos heróis, que são todos, ricos e pobres, humildes e grandes, que saíram a campo de armas na mão; todos os que sofreram, resignadamente, as misérias da ocasião, até morrerem de fome á beira dos caminhos; todos os que no inseguro refúgio dos seus lares padeceram, sem queixume, os violentos rigores de acontecimentos nunca até então vistos. A todos êsses desconhecidos, e não só ao soldado desconhecido das vigorosas campanhas da Guerra Peninsular, é êsse monumento dedicado.

E terminou dizendo: «Sr. general José Vicente de Freitas: a Comissão do Centenário da Guerra Peninsular tem a honra de entregar á Câmara da cidade, na pessoa do seu ilustre presidente, por ordem do Govêrno, o monumento ao Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular, de hoje em diante pertença desta nobre cidade de Lisboa, que assim terá, numa das suas belas praças, mais um testemunho do que os portugueses são capazes pela sua independência.

Em nome da Câmara Municipal respondeu o sr. general Vicente de Freitas, em seguida ao que foi lido o auto da entrega.

Iniciou-se depois o desfile das tropas de guarnição.





à pesca

— O senhor não tem palavra.
— Não admira, meu pai era mudo!

■
Pergunta geográfica:

— Onde está a Costa de Africa?
— Onde tu devias estar.

■
Pergunta do catecismo:

— Quantos Deus há?
— Deus padre, Deus filho, Deus Espírito Santo e Deus te ajude.

■
Pergunta gramatical:

— Como escreve prezunto?
— Com ovos.

■
Pergunta geométrica:

— Dê-me o exemplo duma linha curva.
— Um bôlo rei.
— Isso é o exemplo duma circunferência.
— Será, para o senhor professor, mas a mim, o bôlo rei quando me chega às mãos já vem sempre partido.

■
Pergunta de história:

— Em que batalha morreu o rei D. Sebastião?
— Na última em que entrou.
— Mas D. Sebastião só entrou numa batalha.
— Então morreu na primeira.

■
Uma sentença:

«Se não houvesse terceiros andares não haveria quartos».
Esta sentença pareceu confusa a um sujeito que tinha um quarto alugado num primeiro andar.

— Então o seu marido morreu há onze anos e a senhora ainda anda de luto?
— Que hei-de eu fazer? Ele continúa morto.

— Sabes que deixei de beber vinho?
— Mas que grande economia para os teus amigos!...

— E o senhor imagina que todos os homens são doidos?
— Não. Ha muitos solteiros...

— Então o meu amigo não acredita em milagres?
— Eu, não senhor.

— Nesse caso suponha que caia dum

quinto andar e que não morria. Não era um milagre?

— Não senhor era um desastre sem conseqüências.

— Mas supunhamos que cáia segunda vez e que também não morria. Não era um milagre?

— Não senhor, era um acaso.

— Mas partamos do principio que cáia uma terceira vez e que também não morria. Desta vez, não era um milagre?

— Não senhor, era um habito...

■
Entre amigas:

— Que qualidade de noivo é que me aconselhas?

— Se não queres complicações, escolhe um solteiro.

■
Entre crianças:

— Dizem que o Adão vivia sósinho no Paraíso, com a Eva...

— Se fôsse eu tinha imenso medo dos ladrões.

— Eu não queria, de maneira nenhuma, ser o segundo marido duma viúva.

— Pois eu não queria era ser o primeiro.

■
No Coliseu:

— Que grande prestidigitador que este é... A facilidade com que êle transforma uma moeda de 5 escudos num chapéu alto!...

— Muito melhor, trabalha a minha mulher. Aquilo é um instantinho enquanto ela transforma uma nota de cem mil reis num chapéu de plumas.

■
Na taberna:

— Eu nunca bebo vinho pelo copo de minha mulher.

— Por higiene?

— Não, porque ela nunca deixa nada.

■
Um miúdo estava a ajudar à missa, mas como não sabia uma palavra, só dizia:

— *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa...*

E o padre respondeu:

— A culpa é minha que te mandei fazer uma coisa para que não tens habilitade.

Um americano sonhou que estava no céu e que S. Pedro lhe perguntou se queria um *whisky*.

— Quero sim senhor, gritou o americano que, em virtude da *lei-sêca*, há muito não provava gôta.

Veio o *whisky* e S. Pedro perguntou ao americano se o queria com *soda*.

— Sim, com *soda* ainda é melhor.

— Traga *soda*, disse S. Pedro a um anjinho.

Nesta altura o americano acordou e berrou furioso!

— Se eu soubesse tinha-o bebido sem *soda*...

■
Entre amigas:

— A Georgette é uma mulher duma excessiva toleima. Imagina que toma a água de Carabanha por taças de champagne.

— Nós, lá em casa, rezamos antes de começar a jantar.

— E nós, lá em casa, quando jantamos já não precisamos de rezar.

■
Na mercearia:

A *fregueza* — Êste prezunto não está bem curado.

O *Caixaieiro* — Que quere V. Ex.^a! Ultimamente tem havido uma grande falta de camas nos hospitais!...

■
No tribunal:

— A ré já alguma vez foi prêsa?

— Já, sim, senhor juiz; quando casei com o meu António, que é policia.

■
Um cúmulo:

Mandar chamar um serralheiro para abrir um abcesso.

AMORES DE ARTISTAS

O amor é um indiscreto que mete o nariz por toda a parte, mas ha sitios que êle escolhe de preferencia, por melhores condutores das suas artimanhas.

No teatro, por exemplo, faz êle campo proprio às suas explorações.

Pelo seu contacto permanente com as esturdias de Cupido, animando cenas imaginarias, a ponto de fazerem delas a propria vida, os actores, quero dizer tambem actrizes, são materia ductil para as maquinações do estouvado menino.

Contracenando, em peças de cenas amorosas, um homem e uma mulher que nos bastidores se olhavam indiferentes, começam a ser tocados pela fantasia do autor, e em suas veias vai correndo a lava do desejo.

À força de se amarem, todas as noites, a fingir, acabam por amar-se a sério ou por julgar que assim é.

Às vezes, é ainda sob o império da fantasia da peça representada que os dois se possuem, e acontece que a peça fóra de cena termina com o seu frêmito amoroso.

Não são de animar as relações de amor entre artistas de teatro.

Quasi nunca acabam bem, porque não ha o espirito suficiente, para transformar o amor em amizade que seja, depois, uma doce camaradagem.

A seguir a essas horas de prazer arrebatado, que fica a pesar na consciencia do autor da obra que as provocou, vem o ódio.

O que coloca as empreza em sérios embarços, porque não pôdem já reunir na mesma distribuição essas duas creaturas, que como artistas se completavam e garantiam o exito de qualquer peça.

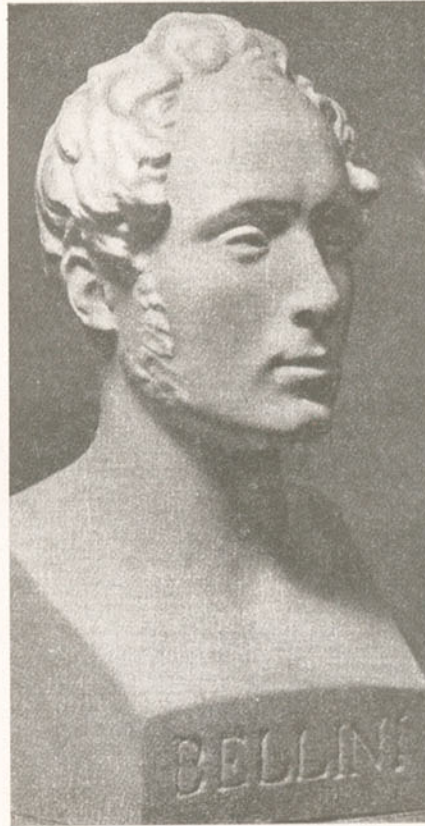
Imaginem então o que será, se a dama se apaixona por todos os seus galãs. Não encontrará um bom actor para acompanhá-la num desempenho, visto que os pôz de parte, quando o amor passou.

E' preciso então esperar que o tempo esfrie completamente as cinzas das paixões, para que possam novamente enfrentar-se sem um estremecimento de rancor ou despeito. E não são só os actores que estão sujeitos, entre si, às travessuras de Cupido.

E' muito vulgar o autor apaixonar-se pela sua interprete.

Comecei mesmo esta crónica pensando nuns amores desta ordem, amores notórios nos tempos passados e que ainda hoje se recordam — os amores de Bellini com a cantora Malibran.

O «cisne de Catania», como lhe chamam em Italia que festejou ha pouco o centenário da estreia da *Norma* no Scalade Milão — teve primeiro uma paixoneta pela Pasta,



Busto de Bellini existente no Museu Bellini de Catania

a creadora da *Norma*. Por sinal que por desinteligençias entre a cantora e o marido, a primeira representação da famosa opera foi um verdadeiro fiasco.

Bellini, em carta a um seu amigo, queixava-se amargamente, mas garantia-lhe que tinha trechos nessa peça inspiradíssimos e acrescentava: «Digo-to, com

o coração nas mãos, e confesso-te que desejaria compôr ainda outros de igual valor, durante a minha vida artistica».

«Fui assobiado. Mas deixá-lo. Não foi assobiada pelos romanos, a *Olimpiada* do divino Pergolesi?»

«Proclamo a *Norma* a melhor das minhas operas».

Bellini foi realmente recompensado do fiasco propositado da primeira representação, logo na segunda récita. O público, serenados os ânimos, fez-lhe uma ovação verdadeiramente triunfal e, de então até nossos dias, o nome de Vincenzo Bellini correu de boca em boca, como um renovador de antigos processos, tornando a música mais compreensível e mais expressiva, na parte melódica, como na instrumental, sendo considerado um precursor da maneira de Wagner.

O grande compositor alemão, muitos anos depois da morte de Bellini, havia de dirigir a *Norma*, no teatro de Riga e chamou-lhe — a obra de um homem de génio.

Claro que além da célebre Giuditta Pasta, já citada, Bellini teve várias intérpretes que mais ou menos lhe buliram no coração.

Mas foi a Malibran o amor mais profundo do excelso músico, que era, ao tempo, um belo rapaz de trinta anos.

Maria Felicitá Malibran foi uma das queridas cantoras de que o país do «bel-canto» se orgulha.

Tinha qualidades primorosas de actriz, aliadas a um físico de uma grande sedução. A sua voz era tão extraordinária, que podia cantar contralto e soprano.

Foi uma *Sonâmbula* maravilhosa, ópera que até cantou em inglês, no Drury-Lane de Londres.

Na *Norma*, substituindo a Pasta mais tarde, o seu triunfo foi muito superior ao da creadora — o que naturalmente lhe deu a preferênciam no coração de Bellini.

Porque o coração não anda longe da vaidade, nos artistas, sejam êles músicos, pintores, escultores ou apenas «hipócritas».

O que é certo é que se amaram os dois intensamente, como só os artistas sabem amar, porque os artistas até o próprio *chiqué* sabem tornar encantador e perturbante.

A Malibran cantava a *Norma* em Nápoles, vitoriosamente, quando soube da morte de Bellini, em Puteaux.

Foi um golpe dolorosíssimo para a sua fina sensibilidade. Desmaiou de comoção e, quando voltou a si, declarou que em breve o seu espirito iria juntar-se ao do bem amado.

Pressentimento ou não, dá a pouco a bela amorosa caía dum cavallo, desastradamente, e a sua alma lá foi cantar com a alma do seu autor predilecto as doçes melodias do amor eterno, que a vida já não podia quebrar.

Mercedes Blasco.



Casa onde nasceu Bellini, hoje transformada no Museu que tem o seu nome



Sente-se um grande ar senhorial...

CONHÊÇO-AS porque nasci e, excepto nalguns anos de minha meninice, morei sempre a dois passos de Alfama e da Mouraria, muitas vezes fazendo por esta o caminho da Baixa. Mesmo ao fundo da rua, de que a minha é o prolongamento para a Graça, começa a tortuosidade das de Alfama. E em certos momentos, um vago instinto sentimental, muito sensível á expressão de certos bairros, me levou em peregrinação pelos meandros, pelas circunvalações e acidentes desse outro sentimento, complexo, escuso, da cidade. Então, embora já o presentisse, ainda não sabia que tais trechos eram os de Lisboa pré-terramoto, e simplesmente me perdia por eles, levado pelo estado de espírito diferente, por exemplo, do que conduzia a admirar a Capital, do cimo poético de Nossa Senhora do Monte.

Assim, é natural que, vindo hoje falar delas em publico, ou melhor, dizer publicamente o encanto misterioso que me têm suscitado, eu não descreva já o que outros possam sentir ao passar por esta ou aquela das suas ruas, e me veja, quem bem as conhece, tomar este ou aquele de seus excertos por toda a Alfama ou toda a Mouraria.

Depois, também li paginas, folheei gravuras que lhe eram alusivas, mas foi sobretudo o que ouvi contar da sua tradição e os meus olhos viram por lá, que mais justo me pareceu o seu conhecimento intimo. Mesmo, a proposito da Mouraria terei de empregar um estilo a caracter com o que dela descreverei, e me ficou

do tempo em que fui seu admirador, continuando hoje apenas fiel aos meus sentimentos por Alfama.

Portanto, não venho falar destes bairros da Lisboa de antanho, como um arqueólogo. Apesar de que, afinal, êles sempre me interessaram, como os restos sobreviventes, os fantasmas da primitiva Capital que o grande terremoto assolou, ainda de pé com as suas configurações rudimentares, tortuosas, como já espectrificadas, e certos nomes recordando-nos concentrações de raças ou castas sociais, outrora vencidas senão humilhadas. Mas onde, entretanto, mais que arqueologicamente, a Mouraria e a Alfama se manifestaram como as almas penadas da antiga cidade medieval, foi no espírito que têm guardado e que, não sendo o de maior indigência de Lisboa, sempre nela se mostrou o mais indócil, desprezado das coisas graves da vida

e, a um tempo, de indole sentimental. É como qualquer coisa de semelhante a uma alma, que permanece, latente, nas coisas materiais, manifestando-se na expressão dos seus aspectos, através os tempos. E assim, tanto a Mouraria como a Alfama têm, cada uma delas, o seu carácter próprio, o seu espírito individual. O da primeira, vêmo-lo melhor permanecer, vincar-se-lhe nas gentes e nas coisas, que, se já têm sido descritas e anotadas, ainda não foram identificadas perfeitamente.

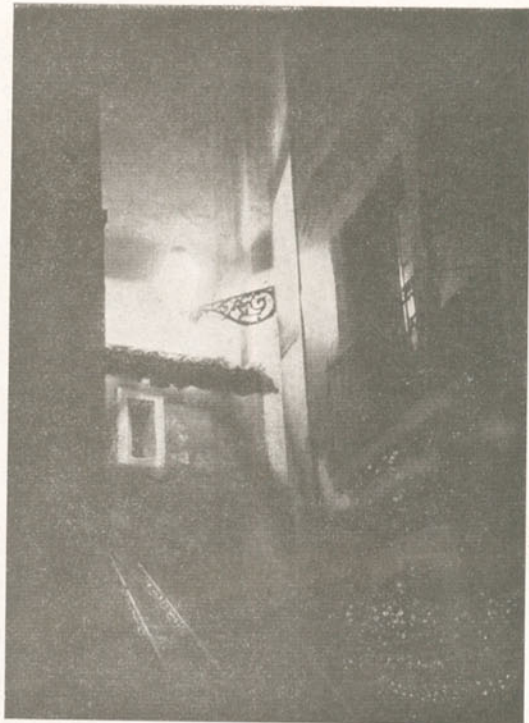
Não foi só o Fado que mais originariamente se ligou à Mouraria, como toada oriental que é, desferindo-se na guitarra em arabêscos de som, que recordam a Arte mourisca. O mesmo sucedeu com a navalha, universalizada por todos os bairros excêntricos da cidade, e que, igual à da Andaluzia, embora mais pequena, também guardou na sua lâmina algo do «crescente» do alfange. E o Fadista, tal como o conhecemos de tradição, tem como a gente berbere, a tês esbronzada, o lábio inferior carnudo, descaído, negros tanto os olhos coruscantes como o cabelo caído em melénas, sendo a sua manceba submissa e amorosa à maneira das escravas e êle ignóbil e apaixonado até às piores represálias.

Porque o mais curioso é que a êsse trecho da cidade medie-

val, onde a conquista cristã concentrou a mourama subjugada, se viessem

sempre acolher as toleradas da mais ínfima condição, e ainda há poucos anos era de um espectáculo impressionante de atavismo passar-se pela rua do Capelão e a da Amendoeira, sobretudo à noite. A uns lumes mortais de petróleo projectando-se nas mortalhas que velavam seus cacifos de pecado, as mulheres públicas sentavam-se ao limiar meio-cerrado das portas, vistosas pobremente como gitanas e, nas atitudes e nos olhos, surgindo-nos de estranhas ancestralidades árabes; uma ou outra enquanto fumaceava fastidiosamente um cigarro, entoando o seu fado, com uma voz de desgraça que os velhos cenários escusos e as sombras viscosas pareciam estar ouvindo, e recordando-se. Tiveram lôbrega fama os botequins do sitio, e de lá se recordam ou descrevem em fados, com o seu quê de romanceiro mourisco, histórias de mulheres malfadadas, cheias de estigmas de perdição, algumas com geração e tôdas com uma memória de amor e de disputas. E, com efeito, nesse genuíno retalho da Mouraria, por onde sobem as ruas do Capelão e da Amendoeira, hoje medeando desafogadas por dois largos de ruína, ainda a penúria dá os seus espectáculos grotêscos

O encanto da Mouraria



Um malefício eterno estabeleceu o império diabólico da Noite

misterioso e de Alfama

de soalheiro, e os cenários estreitos, surtos de bécos e desvãos, por

ali acima, se recortam tóscos, cambados como nos dramas sombrios, de pesadelo.

Muito outro é o espírito de Alfama, ainda maior labirinto, só com uma ou outra renovação, — de calçadas íngremes, ruas que se afunilam, alargam em pequenas praças que jogam as quatro partidas, ou com mais freqüência se esgueiram por escadarias que nos cortam as voltas, armam ciladas de bécos cavernosos, escôam-se por arcos como redutos subterrâneos. Por vezes, nesse dédalo donde a planificação e a geometria se exilaram, as casas parecem erger-se do sub-solo, ou são velhamente estranhas, rudimentares, sobrepostas, vêsgas, lascadas de cunhais.

Mas por ali não paira o novelesco que emorbidéce a Mouraria. Porque também houve rameiras — míseras rameiras, como parece que outrora foram tôdas as toleradas portuguesas — na rua da Regueira, que sobe resvaladiça e umbrosa, em pleno coração de Alfama. Porém já nessa, como em qualquer outra rua do sítio, deixaram de haver lupamares, embora por lá continue a lamuriar o fado, e os mesmos concubínatos fáceis, que não ignóbeis, estalem de quando em vez o desbocado despeito

das rivais, e mesmo se cruzem as lâminas para assegurar os direitos do coração masculino. O alfamense trabalha, ama o seu pleno grado, sem outras preocupações, pode até vegetar em vícios, mas não admite sugeições ou quebras de orgulho. E, se nos ensarilharmos, perdermos pelo bairro, damos com definhamentos e olhos reveladores de taras ou vício, mas em compensação as proles abundam e nota-se, pelo aspecto, a pujante fecundidade das mulheres.

Parece que a proximidade do Tejo, para junto de que desce em côres mais garridas e paredes mais sólidas, areja o velho espírito da hoje humilde Alfama; enquanto a Mouraria se desgarrar, enfronha lá para a outra encosta da cidade. Nunca os bailaricos desta se celebrizaram como os daquela, que, pelos santos populares e foliões, fervilha contente, baila em seus arraiais festivos, alastra-se pelas suas ruas até às dos bairros limítrofes, em marchas venezianas de pares amorudos, desatando-se em grandes cantorias bréjeiras. Depois, só um pensamento, antigo, parece ainda dominar os seus remotos aspectos. É o pensamento lúgubre da defesa, que a aglomerou pelo mar-alto da encosta, assim escusa, calada, torcendo-lhe as escadarias, furtando-lhe os bécos, achegando, quási abraçando-lhe as casas, os arcos guardando velhos instintos de fortaleza, e os cunhais que difurcam ruas, aguçados, ameaçadores como punhais. Um grande ar senhorial, em que se recolheu a crença que deixou os templos, os nichos e os azulejos devotos, ensombra ainda os cenários e as cênas de miséria, onde se lida, questiona, põe os andrajos a enxugar como num arraial batido pelo vento da Adversidade.

Muitas vezes, quando não era uma morbidez doentia que pela Mouraria me levava, ia retemperar-me à Alfama como se fosse de viagem ao Passado. Sobretudo à noite, quando então tudo aquilo se aprofunda, alevanta mais alto, torna espectral, recúa, perde como num outro-mundo fantástico, grave. Os candeeiros são como auréolas fúnebres, sob que passa o cortejo macabro das sombras embuçando-se pelos esconços, abismando-se pelas escadas, cosendo-se pelos arcos vêsgos, despro-



Os aspectos escusam-se por arcos vêsgos...

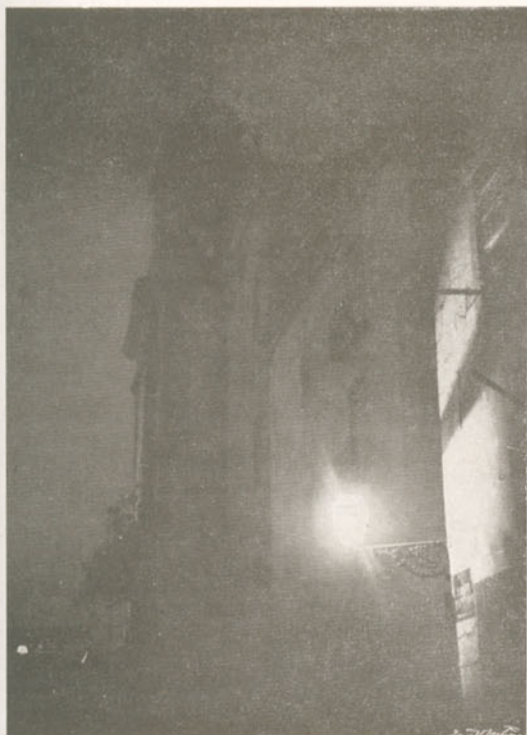
porcionados como grútas. Os vultos humanos assomam e logo se escamoteiam, como nas mágicas sombrias. Os cenários densos, oblíquos, cambados, por vezes deixando entrever lá em cima, no céu, como agulha em préce, o campanário dominante ao cruzeiro, de Santo Estêvão, surgem-nos poderosamente medievais, como os de um velho burgo em que um malefício eterno estabeleceu o império diabólico da Noite. Há conciliábulos de bruxas, esconjuros satânicos ao alto das escadarias, sumidos pelos desvãos; uma ou outra luz interior parece-nos aclarar ainda o estudo dum místico, as retortas dum alquimista; e dentro dos velhos palácios, que avançam, macissos, a sua sombra, ficaram-se talvez tramando morticídios bárbaros... Mas, acolá, é um contraluz que surge como um nimbo astral, uma auréola de milagre; e, mais além, uma réstea de luar enlivedéce, sobrenaturalisa um muro branco, como numa aleluia.

No entanto, aproximamo-nos: é uma sombra que se desfaz num ângulo deserto, uma morada de indigência, um botequim noturno. E pômo-nos de ouvido à escuta: damos com um fundo silêncio, um silêncio de morte, ou ouvimos uma alteração desbragada, quando não um velho fado, ou um simples canto de desgraça e de tédio.

E assim, Alfama vai subindo, entenebrecendo-se, recortando-se como um burgo fantástico, na projecção dos séculos mortos!

Aleixo Ribeiro.

(Fotos de João Martins)



Os cenários surgem-nos poderosamente medievais

DISCUTE-SE muito agora o problema da protecção à infância e médicos tem sido chamados a depôr no sentido de esclarecer o assunto, para cabal resolução do problema. Temo-lo seguido, com a meticolosa atenção que dispensamos sempre aos assuntos que de perto ou de longe se ligam à nossa profissão, e parece-nos, que se tem deslocado o fim a atingir por uma visão errada. Tem-se preconizado combater os resultados, não curando bem de modificar as parcelas de que eles são somatório. Nisto de protecção à infância, a criação das obras visando a criança deve a pouco e pouco ser substituída por obras visando as mãis, no seu pleno exercício maternal, porque não há obra nenhuma que valha uma boa mãe. E, visto



Na oficina de bordados (Escola Profissional de Santa Clara)

que «a patologia só medra com o atrazo da hygiene», se as mãis forem consciênte e solidamente encaminhadas, a obra de protecção à infância propriamente dita torna-se numa obra vulgar de profilaxia, sem retumbância e sem importe de maior do que a deve ter em todos os países cultos e adiantados.

Pensamos que, se tratarmos a valer das mãis, isso nos evita o tratar dos filhos em complicadas organizações que só darão resultados depois de muito tempo e dinheiro gastos. Mãe são de corpo e de alma, filho são de alma e de corpo. É claro que isto presuppõe, na mãe, conhecimentos de hygiene e puericultura que só entre nós não são comuns. Pensamos que em Portugal a instrução feminina se não tem feito como deve. Ensinam-se tudo mas não se ensina a mulher a ser dona de casa, filha, esposa e mãe, que é antes de tudo a verdadeira e única missão da mulher.

Nós queriamos que o ensino primário da mulher fôsse o ler, escrever e contar e o serviço doméstico. A escola doméstica ou seja a Escola *menagère* francesa

não existe entre nós, de maneira que as boas donas de casa em Portugal ou o são por intuição, ou por hábito adquirido, o que é mais raro. Mas não são muito vulgares.

O amor pelo lar, o arranjo da casa, o prazer de uma boa receita culinária, o amor da água, da luz e do sol, o prazer de viver enim, do banho, da comodidade, não é ensinado entre nós de fórma a melhorar as condições de vida colectiva. E assim, não havendo da mulher o amor material do lar, não há consequentemente para o homem a atracção dele. Na classe média a vida passa a ser uma vida externa, fictícia, de bailes, reuniões, prazeres mundanos, quasi sempre sem finalidade nem interesse. Na classe pobre? o lar é substituído pela taberna, pela deambulação com amigos, sendo a casa apenas o covil onde a fera entra para repousar. A mulher do pobre não faz a culinária do pobre. Faz uma culinária apressada, do menor esforço e que nem sempre é a mais apropriada ou a mais económica. Ora podia isto modificar-se? Podia. Como? Conseguindo que o ensino feminino fosse aumentado com a passagem por escolas

domésticas, onde a mocidade aprendesse a viver. Os benefícios desse ensino seriam incalculáveis e de tal ordem que inteligentemente o reconheceu o Sr. Director Geral de Assistência que nos encarregou de elaborar um projecto da escola doméstica. O *Lar da Assistência* e que só se não realisou ainda por falta absoluta de verba para a sua criação e manutenção. O sr. Machado Pinto enviou os seus esforços para elevar os ser-



Futuras mãis... futuras donas de casa (colégio de São Mateo)



Um excelente viziunhas das donas de casa

A PROTECÇÃO À INFÂNCIA E O «LAR DA ASSISTÊNCIA»

viços da Assistência ao nível dos outros países, onde elles, por não serem tão complexos e universais, são modelares. Da sua acção, tão proficiente como meritória, alguma cousa ficará e se S. Ex.^a consegue realisar o ensino obrigatório da mulher no lar terá conseguido uma das obras de mais rendosos fructos para a nossa terra.

O *Lar da Assistência* é a educação das raparigas dos 16 anos em diante, e não é nada uma obra burocrática, bastando dizer que para 30 ou 40 raparigas, durante cada semestre, ou cada ano, a Escola só tem uma regente ou directora e uma porteira. A Escola é uma casa burguesa e como tal mobilada. É a casa de uma pessoa... com 30 lá dentro.

Quarto, cosin.l.a, casa de banho, sala de jantar (e não refeitório), etc.

As pequenas, desde que entram, são as donas da casa. E, divididas em 3 equipas, farão o que fazem todas as donas de casa que não podem ter criada. Lavam, esfregam, varrem, cosinham etc. e até tratam dos filhos visto que terão, 3 ou 4 crianças para o ensino pratico da puericultura.

Dificuldades, na constituição, nenhuma. A Escola abriria com 10 alunas. Ao fim do primeiro mês, definidas já as aptidões, a mais distincta seria nomeada chefe de brigada e as 3 seguintes, monitoras. Assim se constituiria a 1.^a brigada. Formada esta, entrariam mais 10 alunas e constituir-se-ia, com as alunas da 1.^a a chefia, a 2.^a brigada. A mais distincta das monitoras seria chefe de brigada e 3 alunas da 1.^a seriam monitoras. Dois meses depois entrariam 10 alunas mais.

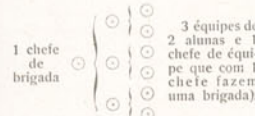
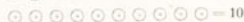
A chefe da brigada seria a mais distincta das monitoras das 1.^a e 2.^a brigadas. Num esquema vamos mostrar o enquadramento das alunas, o que é im-



Machado Director Geral Assistencia Publica

portantissimo para o bom resultado final.

Brigada de inicio:



3 monitoras

Para a constituição da nova brigada, entrariam mais 10 pupilas:



Entrariam sem practica alguma, necessitando por isso ser enquadradas com as já conhecedoras da casa e do seu trabalho. Enquadrar-se-iam como se segue:

As 6 que constituem o pessoal das equipas da 1.^a brigada dar-se-lhes-ia o comando da 2.^a, ficando as 2 brigadas como se segue:



Em cada brigada ficarão 5 antigas e 5 modernas. Cada aluna antiga ensinará 1 ou 2 modernas de forma que não haveria perturbação nos serviços. Dois meses passados entrariam as 10 restantes:



Enquadrar-se-iam estas novas com as outras mais practicas. Todas as antigas, da 1.^a

brigada teriam já funções de mando e consequentemente responsabilidades. Algumas da 2.^a, são já monitoras e todas as outras ensinariam uma companheira mais moderna.

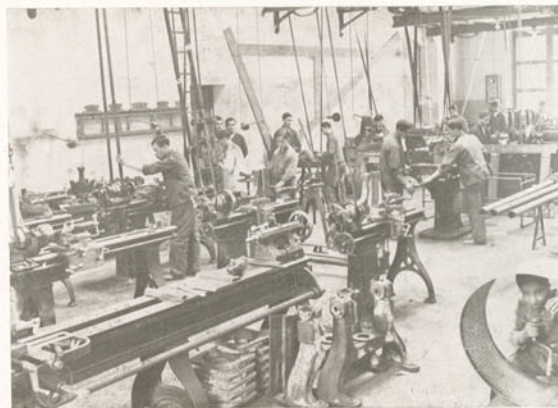
As 3 brigadas ficariam constituídas:



É simples e pratico, como se vê. Ensinando pratico. Não haveria aulas nem horas de aula. Aula seria todo o tempo, do levantar ao deitar. A regente (ou directora) viveria na intimidade das alunas, que seriam tratadas pelo seu nome e não pelo seu numero. O lar seria uma familia de mãe e 30 filhas. As refeições seriam tomadas em comum e a directora tomaria nelas a cabeceira da mesa, podendo durante a refeição versar qualquer assunto instrutivo o que seria aprender sem esforço e naturalmente.

Um caso de vida interna, ou do jornal diário, pode constituir uma ótima lição de moralidade.

Na vida habitual as 3 brigadas revezam-se às semanas, ou aos meses, como a practica demonstrar melhor. Uma de cozinha, outra de arrumação e limpeza, outra de teoria (escrita, concertos, etc.). Ali a educanda terá naquele ano o ensino completo do que é ter uma casa



Cresce o homem com a vida... E a mulher? (Casa Pia)

e uma familia. Ali aprenderá método, economia, a fazer a sua escrita, o valor do tempo, a colocar as suas economias, e ter usos de sociedade, pois que todos têm relações sociais, a decorar o interior da sua casa economicamente e com gosto, a ter conforto, a fazer as limpezas, a vestir e escolher os seus fatos, a conservá-los e transformá-los a fazer a sua alimentação, comprá-la, escolhê-la apresentá-la, conservá-la. A encerrar a doença e cuidá-la. A cuidar e tratar de si. A cuidar e tratar do seu filho, se o tiver, e de crianças. A encerrar o futuro e ter a sua previsão, etc.

Se, mercê do esforço do Director Geral da Assistência, que a esta esplên-



Ensejando batatas (Escola Profissional de Santa Clara)

didia obra ligou o seu nome, ela se realizar diário, pode constituir uma ótima lição de moralidade.

Na vida habitual as 3 brigadas revezam-se às semanas, ou aos meses, como a practica demonstrar melhor. Uma de cozinha, outra de arrumação e limpeza, outra de teoria (escrita, concertos, etc.). Ali a educanda terá naquele ano o ensino completo do que é ter uma casa das mãis. A escola doméstica como não fará bons filhos, se ela virá principalmente a formar excelentes mãis? Tenho para mim que estou dentro da razão; tenho para mim que se ergui a minha voz foi para advogar uma grande causa. Que o Estado ou a filantropia particular ajudem o sr. Machado Pinto, illustre Director Geral da Assistência, a levar a cabo o seu empreendimento é indispensável, é o que desejamos e, cremos bem, todos desejam.

Maria Carolina Ramos.

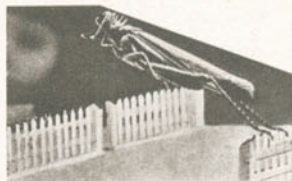
Médica

ILUSTRAÇÃO

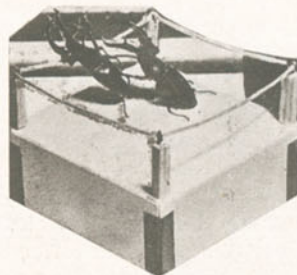
Um circo de insectos



No sul da França apareceu, o mez passado, um circo de insectos amestrados, que tem causado espanto. Chama-se «Circo Chingolo». O seu director exhibe os pequeninos animais nos mais variados trabalhos: um gafanhoto salta barreiras, dois escaravelhos jogam o box, e seis grilos estão na orquestra, com os



respectivos instrumentos. A *troupe* tem também os seus *clowns*. O número *clou* é uma borboleta que anda no arame. Trabalho arriscado e difficil... Há ainda um gafanhoto que trabalha em alta escola, montado num cavallinho de madeira... E o circo ambulante lá anda de terra em terra... Os animaisinhos — no inverno — têm de estar per-



manentemente em recintos aquecidos... Como a vida dos insectos é efemera, o director, não faz outra coisa se não amestrá-los, durante trez horas, antes do espectáculo. É um trabalho que revela paciência, e que tem merecido por isso mesmo, a admiração dos habitantes do sul da França.

A graça alheia



O GAROTO, OLHANDO PARA O CHAPÉU: — DEIXA-ME IR PASSEAR PARA O JARDIM?

PELO MUNDO FÓRA

Os caçadores alpinos e Mussolini



QUINZE mil caçadores desfilaram perante Mussolini. De todas as partes de Italia eles vieram saudar o presidente do governo. Nessa manifestação, o que mais interesse despertou, foi o barco simbólico que exhibiram os caçadores de Veneza.

Os caçadores foram alvo de grandes manifestações de simpatia, tendo-se reunido em vários banquetes, por toda a cidade de Roma. Mussolini falou-lhes duma janela. Encorajou-os a continuar naquella vida tão cheia de imprevisto e de emoção. Roma — apesar da sua grande população — parecia, estar naquele dia, em plena festa.

Outra invenção: o radio-piano



O «Radio-Piano». É um novo instrumento que permite ao pianista acompanhar os concertos que lhe são transmitidos por um posto de T. S. F. adaptado ao seu piano.

Precavendo-se contra os gazes



ORGANIZADAS pela Cruz Vermelha e pela Associação dos Officiais de Reserva, estão-se efectuando em Paris, sessões de instrução para o uso de mascaras contra os gazes asfixiantes. A concorrência tem sido enorme. As lições são gratuitas.

Quando se pensará em Portugal fazer o mesmo?

Casamento de gigantes



ELE: 2^m.78. Ela 2^m.05.

Ralph Madsen é considerado o homem mais alto do mundo e Verna Maril Rice Madsen, é também uma das mulheres mais altas. Contraste curioso: Os padrinhos — que figuram na gravura — são anões.

Napoleão



No museu napoleónico de Ermitage, em Digne, encontra-se — oferecido por Emile Brouwet, erudito colecionador — um retrato de Napoleão, pintado por Jean Cassard. Segundo uma carta que está colada nas costas do quadro, assignada pelo barão de Gros, é um dos melhores retratos de Napoleão.

Piccard e o Natal



O engenheiro Piccard — o homem que subiu a muitos mil metros de altura — comprou, no Natal, um boneco mecânico a seu filho. O sábio explica-lhe o seu funcionamento.

A graça alheia



O CLIENTE — A PROPÓSITO, DOUTOR, QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O DESARMAMENTO?

Bodas de diamante



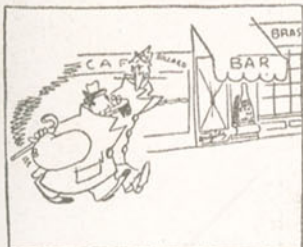
Os trez casais que em Arvillers (Somme) celebraram as bodas de diamante. Todos eles fizeram 60 anos de vida conjugal e casaram na mesma semana. Houve missa, em seguida à qual os seis octogenários foram recebidos na «Mairie» onde um membro do Conselho Municipal discursou.

Um mártir da ciência



MORREU em Paris o dr. Georges Haret, radiologista eminente e chefe dos serviços de radiologia no Hospital Lariboisière. Foi vítima de lesões radiodérmicas. Era condecorado com a Legião de Honra.

A graça alheia



— PARECE QUE AS MULHERES SUPORTAM MELHOR AS DORES DO QUE OS HOMENS.
— QUEM TE DISSE? UM MÉDICO?
— NÃO. UM SAPATEIRO.

PELO MUNDO FÓRA

O novo governo francês



A seguir à queda de Herriot o presidente da República Francesa após as consultas da praxe, entregou a organização do novo governo a Paul Boncourt, que em três dias o formou. O Parlamento recebeu-o com aplausos... embora na sua composição figurem quasi todos os ministros do gabinete Herriot.

A «Cité Universitaire» de Paris



MAIS um país está representado na «Cidade Universitária de Paris»: a Grecia. O seu Pavilhão foi inaugurado há dias. Póde albergar mais de cem estudantes gregos que vão frequentar as Universidades de Paris. Portugal — a quem o terreno foi dado em primeiro lugar — ainda não tem o seu Pavilhão nem sequer nisso se pensou... apesar da imprensa diária ter falado, com desenvolvimento, na altura devida.

A «Cité Universitaire» fica situada a dois passos da Avenida de Orleans, no bairro Montrouge. Ali será, num futuro próximo, o centro intelectual, onde se hão de reunir todos os estudantes, professores, escritores e homens de ciência de todo o mundo. E Portugal?

Uma «rainha»



A menina Alice Corrêa, aluna do Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro, que foi eleita, pelas suas colegas «Rainha de Beleza do Colegio». A fotografia pertence ao nosso colega «A Noite» da capital brasileira.

Altos Estudos



Nos Salões da Sorbonne, em Paris o Presidente da República inaugurou há dias o Instituto dos Altos Estudos Internacionais.

A graça alheia



— LEMBEM-ME DO NOME DA RUA, MAS ESQUECEM-ME DO NÚMERO DA PORTA.
— É FÁCIL ENCONTRAR. ESTÁ ESCRITO POR CIMA DE TODAS ELAS.

O "REVEILLON" NO CASINO DO ESTORIL



A passagem do ano no Estoril marcou. As lindas salas do vasto Casino, albergaram uma assistência numerosa e escolhida: entre a qual se via as melhores famílias da colônia estrangeira. O «Reveillon» — planejado pelo artista consagrado Augusto Pina — veio comprovar a grande situação de estância de turismo e de mundanismo que é o Estoril.



Um canto da linda sala do Casino, onde se veem altas personalidades estrangeiras e muitas famílias da nossa melhor sociedade.

Ao começar um novo ano é hábito consagrado formular áqueles que estimamos, votos de prosperidade e a realização, durante os trezentos sessenta e cinco dias que vão seguir, de factos favoráveis às suas aspirações ou ao êxito dos seus interesses. Sendo o desporto uma entidade merecedora das nossas mais velhas simpatias, não podemos dispensar nestas páginas as boas-festas da praxe, alegres, risonhas, embora o seu estado actual e a evolução que tem sofrido não sejam positivamente de molde a permitir grandes regozijos, nem confianças no futuro.

Mas o desânimo e a tibieza não tem entrada no campo do desporto, e um desportista conserva sempre, em seu coração, bem acêsa a chama da esperança. O optimismo, virtude soberana, domina permanentemente o espirito desportivo.

Boas-festas! Em primeiro logar a todos os praticantes, aos homens de desporto, à mocidade que povôa os gymnásios e terrenos pelo prazer do exercício físico; e áqueles que trabalham pela obra, que a acarinham, e aos quais as circunstâncias da vida, a idade, a educação ou os preconceitos, impediram de ser também unidades activas da falange desportiva, a todos desejamos a saúde, o êxito, a sorte, a proeza desportiva que marca uma data na vida de um homem. Aos campeões, aos clubs, aos dirigentes, bastas horas de alegria desportiva, louros compensadores, juízo e paz, a paz indispensável ao fomento do progresso, à realização de novos ideais.

Estes são os votos genéricos, áqueles que se formulam para toda a gente, no interesse



No Rio de Janeiro, efectuaram-se no mês passado provas hípiças femininas. Uma «amazona» num elegante salto

desportos

OS FACTOS DA QUINZENA

Ao desporto português desejamos que o Estado se digne, enfim, reparar nele, decretando a sua protecção e fiscalização, remodelando e generalizando obrigatoriamente a prática da educação física. Tôdas as grandes nações compreenderam esta verdade e colocaram a educação física no mesmo plano da educação intelectual, preparando

nhecendo-se quando se não combatiam com prejuízo mútuo. No ano que findou, esboçou-se nitidamente uma aproximação entre uma e outro, no melhor intuito de colaboração, firmando uma nova era de nacionalismo pedagógico que permitirá pôr cõbro aos exageros nocivos do passado e lançar as camadas moças à conquista do vigor, da saúde, da energia que fizeram dos nossos antepassados os senhores do mundo.

Vaticinemos a consolidação desta aliança em 1935, conseguindo uma harmonia nos cuidados a dispensar aos indivíduos desde o despontar da vida, acompanhando-os pela existência fora numa evolução de cultura física a desporto, de acõrd com as conveniências fisiológicas e a psicologia especial de cada situação.

A vitória do desporto só pode ser consolidada sôbre os alicerces de uma educação física triunfante. Lutar por um é pugnar pela outra. Deixemos ilusões perigosas, que tem sido até agora as melhores armas dos inimigos, é façamos compreender aos governantes da Nação a necessidade de cuidar da robustez e saúde dos homens de amanhã, e às crianças e rapazes que o culto do desporto só é acessível a quem tenha adquirido, pela gymnástica elementar, arcaboço para lhe suportar os esforços intensos.

Só depois poderemos proclamar a existência de portugueses capazes de construir um Grande Portugal Novo.

*
* *

Boas Festas! Ao atletismo oferecemos, umas caixas de competência, de que anda bem precisado para distribuir pelo seu povo, e a conversão aos bons princípios de honestidade desportiva de certos dirigentes e falanges clu-bistas que lançaram últimamente em prática determinados re-cursos de aqui-



Os agentes da policia brasileira praticando exercicios ao ar livre (Fotos do Serviço Fotográfico de «A Noite»)

comum, sem especificar conveniências. Para os bons amigos há sempre, porém, um mimo especial, a lembrança cativante que o velho Pai Natal vem pôr no sapato que as reminiscências da nossa infância nos levam a colocar na chaminé simbólica. Por isso não podem ficar por aqui os nossos votos; vamos distribuir os presentes, a cada qual conforme sua necessidade,

a mocidade para as exigências violentas do combate social. No nosso país sonha-se ainda, à sombra dos louros das descobertas. Oxalá possamos verificar uma mudança de rumo, que centralize esforços e complete aquilo que o bom senso de certas iniciativas particulares deliberou em prol da cultura física nacional, juntando e amalgamando as diferentes formas de sua prática. A educação física e o desporto têm vivido sempre no mais completo isolamento, desco-

sição de valores, pouco aceitáveis, e cujos efeitos maléficis causaram já prejuízos importantes noutras modalidades desportivas.

Não serviu o exemplo, porque os homens são sempre os mesmos, que transitam de um terreno para outro.

O Pai Natal brinda também o atletismo lusitano com um Comitêsinho Olímpico de fabrico especial, que daqui a quatro anos deve ter crescido e aprendido a falar correctamente; a esperançosa criança já sabe dizer: Pentatlo Moderno.

Aviso aos amadores,

ILUSTRAÇÃO

O football encontrará na sua bota, um par de botas: o congresso da Federação, que é o peor obstaculo que existe dentro desse popular desporto. Desejamos-lhe um ditador, que governe sem o entrave da lucta mesquinha de interesses que assassinou o bom senso e



Paddock — há dez anos a estrela mais fulgurante do «sprint» — preparando o filhinho para uma «largada»... dos 100 metros...

reduziu a quasi nada as melhores intenções. O campeonato de Lisboa será disputado por vinte clubs, acabando em 15 de Outubro, para dar começo ao seguinte.

Boa colheita para o *ciclismo*: uma Volta a Portugal em estado de nova, para auxiliar a venda de certos jornalecos sem saída; algumas competições internacionais a provar que a prata da casa tem cotação no mercado; o Nicolau e o Trindade, o Trindade e o Nicolau.

A *natação* será contemplada com mais algumas piscinas, o que assegurará a rapidez dos seus progressos.

Aguerridos ao contacto internacional, os nadadores portugueses lançar-se-ão a novas empresas elevando o seu desporto ao nível que é logico num povo de marinheiros. Na esperança de novas deslocações além fronteiras, o Natal vai oferecer aos criticos especializados, uma coleção completa de dicionarios.

Aos restantes jogos e modalidades desportivas, de menor importancia no paiz, o melhor voto será o de um pouco mais de entusiasmo e propaganda na epoca futura.

E a mim, que ha-de oferecer o Natal desportivo? Algumas idéas, para não aborrecer demasiado os nossos leitores.

*
* *

Em França existe um Ministro dos Desportos, o sr. Filipe Marcombes, sub-secretário de Estado da Educação Física. No dia 1.º de Janeiro o ministro dirigiu a todos os desportistas seus compatriotas, nas colunas de um diario da especialidade, o seguinte cartão de boas-festas:

«O Sub-Secretário de Estado da Educação Física apresenta os seus melhores votos de

boas-festas a todos os desportistas francezes e suas familias. Promete-lhes toda a sua solicitude e todo o seu interesse. Espera que 1935 verá continuar e intensificar-se o esforço magnifico empreendido para desenvolver no nosso lindo paiz o gosto pelo desporto bem compreendido.

Não duvida que, graças à colaboração das Federações e dos Clubs desportivos, a cuja dedicação presta com prazer publica homenagem, a educação fisica conquistará, cada vez mais, na educação da mocidade, o seu legitimo lugar. Pela sua parte, consagrar-se-á inteiramente à realização desta obra, bela entre todas, e fá-lo-á com tanto mais ardor, quanto sabe que para a levar a bom termo pode contar com o auxilio e apoio da imprensa, de todos os agrupamentos desportivos e daqueles que amam o desporto e lhe consagram um interesse crescente. A todos renova os seus mais sinceros votos de um ano novo prospero».

Além desta missiva directa, o ministro confiou ainda ao jornalista os seus projectos para 1935. Logo que seja votado o orçamento que lhe atribuirá 45 milhões de francos destinados à construção de campos e estadios, ordenará a completa remodelação da Escola de Joinville à qual será entregue a preparação olimpica dos atletas francezes, a começar já este ano, dentro de umas normas estabelecidas e que foram levadas ao conhecimento de todas as Federações.

Entre varias reformas em estudo, o sr. Marcombes anuncia para breve realização a do «controle» medico obrigatorio em todas as colectividades desportivas.

*
* *

Apezar dos laços de fraternal amizade que unem os portugueses ao povo brasileiro, ha facetas da actividade social da nação irmã que quasi são desconhecidas em Portugal. Entre ellas figura a vida desportiva.

Todos conhecemos a fundo o que se passa em França, seguimos passo a passo os acontecimentos do desporto espanhol, que aos nossos jornais desportivos chega a merecer uma secção especial, e raras são, a contrapôr, as noticias que nos chegam das terras de Santa-Cruz, onde praticam muitos portugueses e muitos mais em cujas veias corre, por herança, sangue lusitano.

Para nós, que já visitamos o Brasil e tivemos ocasião de apreciar o extraordinário incremento do desporto nesse país de maravilhas e a importância com que são atendidos todos os problemas referentes à educação fisica, a falta é mais sensível e o reparo mais frisante. Quando nos chegam ás mãos documentos referentes à actividade desportiva brasileira, aviva se a saudade das horas distantes passadas no Rio de Janeiro entre o carinhoso acolhimento dos camaradas de além Atlantico, e torna-se irresistivel o desejo de recordar. Estádios, cuja evocação nos deixa sonhadores; clubs cujo luxo de instalação não podem fantasiar aqueles que só conhecem as sedes dos clubs portugueses; um hipodromo como poucos se encontram na Europa; acima de tudo uma classe desportiva que estamos longe de atingir, um entusiasmo da massa popular que arrasta multidões aos campos de jogos, um ecletismo moderno que podemos tomar como exemplo.

As gravuras que acompanham estas linhas

mostram-nos que a mulher brasileira se interessa também pelo desporto, além das suas funções de *torcedora*, dedicando ás elegâncias do hipismo um fervor particular; uma outra, prova o cuidado com que são escolhidos os agentes da policia, para os quais a educação fisica é reconhecida elemento indispensavel da respectiva preparação profissional.

*
* *

Os anos vão passando sobre as glórias do atletismo mundial e o eco das suas façanhas apaga-se ao fulgor dos modernos campeões.

Paddock, ha dez anos a estrela mais fulgurante do *sprint*, o homem cujos records foram considerados como o limite das possibilidades humanas, possui hoje um único record mundial, o menos importante, e os Wykoff, Tolan, Williams e Locke, afogaram os últimos ecos da fama que o consagrou.

Mais recentemente, o finlandês Paavo Nurmi desempenhou nas distâncias longas o mesmo papel que coubéra a Paddock nas provas de curta metragem. Dos mil e quinhentos metros aos vinte quilómetros todos os records eram seus.

Mas os anos vieram, em sua volta surgiram atletas mais novos, criados na mesma escola e, degrau a degrau, lhe foram derrubando o trono de glória a que a Federação Internacional deu a última machadada proclamando-o profissional.

Vítimas do tempo, estes homens que conheceram as maiores glorias desportivas, devem relembrar com saudade um passado inolvidavel, sonhando com um futuro impossivel. Mas Paddock tem um filho, Nurmi tem outro filho, e nêles renascem as ambições desportivas dos pais.

Que serão, daqui a vinte anos, esses pimpo-



Nurmi — o celebre corredor finlandês, campeão olimpico — olhando para o filho e sonhando, talvez, para ele, daqui a vinte anos, a mesma gloria desportiva que conheceu há anos...

lhos descendentes dos maiores campeões da época actual? Esta mesma pergunta devem formular Paddock e Nurmi quando seguem os passos dos respectivos herdeiros.

Salazar Carreira.

Julio Dantas



NOTÍCIAS DA QUINZENA

Samuel Maia



Aquilino Ribeiro



O egrégio presidente da Academia das Ciências é um lapidário da língua portuguesa que tem nele um dos mais vernáculos e fecundos cultores. *Alta Roda* — o seu ultimo livro — tão em harmonia com a elegancia mental do eminente escritor, representa mais um triunfo da excelsa pena que tão brilhantemente honra as letras patrias. Esgotou-se a 1.ª edição em 15 dias.

Aurora Jardim Aranha



ESPIRITO adamantino, de multiplices cambiantes, D. Aurora Jardim Aranha é uma cronista penetrante e delicada, dispondo dum estilo plastico, harmonioso, cheio de coloridos jovens e quentes.

Em *Desorientada*, o seu ultimo romance, estuda, anatomisa em seus ambientes próprios, a mulher.

Zarco da Camara



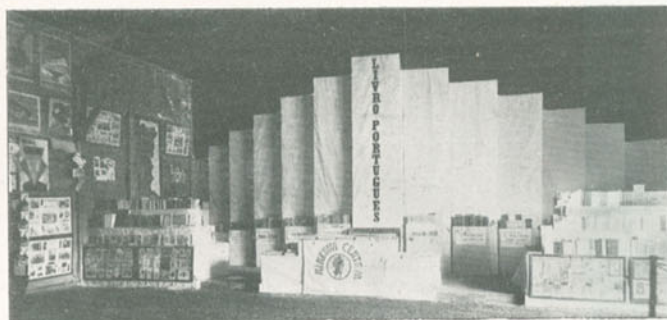
Eis um escritor que têm jús á nosa admiração. Zarco da Camara têm revelado nas suas obras intelligência e cultura. O livro que recentemente publicou — *Eterno Pecado* — mais uma vés o põe no destaque que lhe compete.

Na pleiade dos nossos grandes médicos e grandes escriptores o sr. dr. Samuel Maia — nosso brilhante colaborador — é a afirmação de quanto a ciência pôde andar de mãos dadas com as melhores faculdades de espirito. O elogio literário do illustre clínico é sobejamente comprovado pelos



seus artigos e pelos seus livros, de que destacamos *Mudança de Ares*. Ultimamente publicou, numa graciosa edição a sua bela conferência: «O Elogio do Vinho». O «Comité du Office International du Vin», de Paris, acaba de premiar com quinhentos francos e uma *plquette* em bronze, onde está o seu nome gravado — conforme se vê nas gravuras — o seu valioso trabalho. E' uma homenagem que envolve também o nome de Portugal.

O livro na Feira de Lourenço Marques



NA Feira de Amostras de Lourenço Marques havia um *Stand* destinado ao *Livro Português*. As nossas casas editoras ali expuzeram as suas obras. A Livraria Bertrand — a mais antiga de Portugal — lá tinha as suas esplendidas edições, entre as quais se contavam livros de Herculano, Raul Brandão, Agostinho de Campos, João de Barros, Antero de Figueiredo, Aquilino Ribeiro e outros.

AQUILINO — mestre incomparavel da nossa literatura contemporanea, ombreando com os que mais alto ergueram as lettras portuguezas — acaba de juntar mais um extraordinario trabalho á sua obra, já marcada pelo sinête da imortalidade: «As três mulheres de Sansão». E' um volume que deve figurar em tôdas as estantes selectas, como indece dos maiores valores intellectuais.

Dr.ª Maria Carolina Ramos



ENTRE as nossas medicas tem a sr.ª dr.ª Maria Carolina Ramos um lugar de merecido realce, pelas suas qualidades de trabalho, de intelligência e de coração. Apezar do tempo, que lhe toma a sua numerosa clientela e da dedicação que têm por obras de assistência, ainda a dr.ª Maria Carolina Ramos dedicou algumas horas a um trabalho medico que acaba de publicar intitulado *Emagrecer*, que merece leitura atenta.

Tomaz Vieira da Cruz



POETAS como Gauthier, Pessanha e Feijó buscaram satisfazer a sua emotividade original com os ritmos orientais. Tomaz Vieira da Cruz, que ha anos vive pelo interior de Africa, traduziu o que melhor a sua sensibilidade por lá saboreou com o poema *Quissange-Saudade-negra*, que não se deve deixar de lêr.



SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS



No *Cioso* de António Ferreira, Faustina diz a Clareta: «Que dizes logo a êsses mancebos untados e perfumados?» Ao que Clareta responde: «Merreciam ser mulheres, homens que tais coisas fazem. Como os consentem os outros homens?»

Eis uma pergunta que ainda hoje tem actualidade.

UM dos nossos mais ilustres cirurgiões, professor eminente da Faculdade de Medicina tem, como director de uma clinica no Hospital Escolar, clinica que compreende 4 enfermarias com mais de 100 camas, a importantissima quantia de 75 escudos como gratificação. Dessa desconta ainda 1 escudo para a A. N. Tuberculosos, 7\$50 para o imposto de Salvação Pública e 10 centavos para selo o que dá 66\$40. Em esmolos, em brincquedos para os petizes que lá caiem, em gratificações, vão-se os miserimos 66\$40 uma fortuna ominosa, nos tempos de capitalismo torvo que atravessamos. É demais. 66\$40! Supondo que vê uma vez por dia os seus doentes são 3.000 visitas por mês. É a pouco mais de 2 centavos cada. Conduções, operações, vizitas extraordinárias, de noite às vezes, telefones, tudo isso é de graça. Porque não se actualiza êsse dinheiral exorbitante, essa extraordinária e miraculosa exorbitância de 66\$40 mensais?



ESCREVE Austregesilo: «O amor é uma arma de dois gumes: envenena ou escraviza. O difficil para o coração é escolher o mais suave dêles.»

O meu escolhe o cabo. E como não é egoísta deixa aos outros tudo: o veneno e a escravatura.

AINDA de Anstregesilo: «Os homens que amam o trabalho são naturalmente otimistas. A vida é o próprio trabalho é amar a vida.»

Os mandriões sorriem e concordam. E bocejando voltam-se para o outro lado.

«DOMINA-TE se queres dominar», é clássico. Como se dominar-se a gente não fôsse o próprio Génio, o expoente máximo do domínio e da força!...

O brasileiro tem uma expressão que em Portugal caiu em desuso e que todavia é genuinamente clássica: É o «como não?» Pois encontra-se por duas

ou três vezes no falar dos personagens de *O Cioso*, do genuíno mestre quinhestista António Ferreira.

«EM matéria de Amor, vencer é sofrer». Não é. Porque os que vencem não sofrem, e os que sofrem raras vezes vencem.

O ILUSTRE homem de ciência Henrique de Vilhena, e todos sabem como nós amamos a propriedade verbal e escrita, encetou o ultimo numero do *Arquivo de Anatomia e Antropologia* um estudo sobre a expressão corporal das emoções comparativamente em alguns grandes poetas ou escritores meridionais e nórdicos.

É um trabalho notavel, sumamente interessante que, num paiz onde a cultura e suas manifestações fossem devidamente apreciadas, daria ao seu autor uma elevada prova de consideração dos seus conterraneos.

Nós somos dos que acreditamos que o *L'Atlantique* ardeu porque mãos

criminosas lhe deitaram fogo. Sabe-se lá. Uma cousa ha iniludível: a de que o magnifico paquete, obra prima do genio do homem-creador ardeu. E nós pensamos que foi o homem-destruidor, o homem-fera quem o reduziu a sucata para mostrar que os dois poderes se equivallem, o do homem-deus que dá vida e o do homem-diabo que torvo aniquila e mata».

FUNDARAM-SE duas sociedades notáveis: A de Cirurgia, de que Francisco Gentil, mestre eminente foi o animador e a de Gastronomia que, com 40 membros vai legislar sobre comidas e bebidas e de que António Maria d'Oliveira Belo é o presidente. Embora não pareça têm grandes ligações entre si: propõe-se a segunda a moralisar a tripa a ver se escapa de ser objecto de alguma comunicação da primeira.

LINO Ferreira completou os seus vinte e cinco anos de

teatro, as suas bodas de prata, como se lhes costuma chamar. Tive nisso grande prazer. Lino Ferreira é amigo de trinta anos, dos tempos em que êle namorava o teatro e eu desejava ardentemente publicar fôsse o que fôsse. Geralmente os

nossos amigos são as pessoas que mais arreliamos com a nossa felicidade ou com os nossos triunfos. Comigo não se dá esse caso. Eu desejo ardentemente que os meus amigos sejam ricos, grandes notáveis. E acho que essa felicidade é também um pouco mi-

nha, pois não sou eu amigo dêles?

UM programa todo em doze versos de Antonio Ferreira:

«Duas cousas sómente se não mister na Republica boa: corpo e alma. Ditosa aquela, que ambos bons tiver. O corpo, que por ferro, frio e calma rompa, e passe sem temor avante, por que o inimigo lhe não leve a pálma. A alma, que seja tão pura e constante em seu proveito e honra, que pareça ter sua gloria e bem sempre diante; e que na paz, e guerra se ofereça a com prudencia e conselho a ajudar porque chamar-se filho seu mereça.»

QUEM lê os classicos encontra na sua leitura prazeres que só os que sabem saborear esses requintes apreciam. Maneiras de dizer, conceitos profundos em linguagem simples, cousas suaves e deleitosas. Ora veja-se este pensamento que me deu a leitura de Antonio Ferreira no domingo:

«Pague-se amor fingido a quem o empresta, mas quem bom amor dá, reciba-o bom, livre da tenção baixa, e deshonesta.»

«No dia em que as desgraças descobrirem o caminho da tua porta, muda-te», escreveu Manuel del Palacio. Inutil. O teu porteiro, o teu visinho, o teu amigo ou o teu guarda nocturno, lhe dirão a tua nova morada.



Albino Forjaz de Sampaio.

ACTUALIDADES



NO HOSPITAL D. ESTEFANIA: Como nos anos anteriores, por iniciativa da ilustre médica sr.^a dr.^a Sara Benoiel, realizou-se há dias no hospital D. Estefania, uma festa dedicada às crianças ali internadas. Presidiu o sr. enfermeiro-mór dos Hospitais e colaboraram além da sr.^a D. Maria Ana Vieira Rosa Serra, os clowns Antonet e Filipe. Distribuiu-se roupas e brinquedos a 150 crianças



EXILADOS BRASILEIROS: No paquete «Cuyabá» chegaram a Lisboa no dia 5, vindos do Rio de Janeiro, os srs. drs. Helio de Freitas de Lima e João Baptista de Azevedo Lima, antigo deputado federal, coronel de engenharia Nicolau Bueno Monte Barbosa, coronel Romão Guedes e tenente-coronel Mário de Veiga Abreu, que foram deportados pelo governo de Getúlio Vargas



NA CASA DA IMPRENSA: Constituiu um acontecimento literário a recepção feita aos jornalistas brasileiros que se encontram deportados em Lisboa, efectuada no último dia do ano na Casa da Imprensa. Falou em primeiro lugar o nosso colega Norberto de Araújo, em nome do Sindicato dos Profissionais, do qual é director. Saudou os camaradas brasileiros pedindo-lhes que se sentissem em sua casa, pois que os jornalistas portugueses os recebiam de coração aberto. Durante a merenda festiva disseram versos a ilustre actriz Lucilla Simões, a distinta escritora sr.^a D. Fernan da Ferro e os jornalistas Cristóvão Aires e Matos Sequeira. O nosso colega Lourenço Cayola saudou também os camaradas brasileiros. Por fim, o sr. dr. Abraham Nobre, agradeceu as referências feitas ao Brasil e à imprensa brasileira, num empolgante discurso que deixou maravilhada a assistência



NAS BELAS ARTES: A festa do fim do ano na Sociedade Nacional de Belas Artes decorreu cheia de brilhantismo. A ampla sala decorada com os quadros do Salão de Inverno, oferecia um curioso aspecto. À meia-noite, fez-se a entrada do ano novo comendo-se uvas. Em seguida, realizou-se um baile, animado por um acto de variedades em que tomaram parte a gentil artista Auçenda de Oliveira e os exímios bailarinos Francis e Ruth. O «Reveillon» das Artes e da Imprensa marcou pela elegância e pela organização

O filme de horror, género grã-guinhol é, juntamente com a opereta bem musicada, o que mais agrada ao nosso público e o que com maior facilidade o faz afluir às salas de espectáculos.

Nêste género, particularmente difícil, adquirir justa celebridade a escola alemã durante o reinado do cinema silencioso. Só muito mais tarde os americanos tentaram êsse género tanto em oposição com a sua mentalidade, produzindo diversas películas que se inspiram directamente nas da escola alemã, mas a que falta um certo equilíbrio que impôs a alta qualidade das produções germânicas.

Inferiores embora, estas produções não deixaram por isso de alcançar junto do público, ávido de emoções fortes, um significativo sucesso. E daí, como dissemos, o constituíram elas com as operetas europeias os programas de maior êxito e aquêles que melhor fazem acorrer o público às bilheteiras.

«O Médico e o Monstro», há tempo exibido no S. Luiz, é uma obra de classe neste género em que um número excepcional de qualidades se reúne. Mas a soma dos seus valores é—repetimos—excepcional e não pode, por isso, servir de medida para produções similares.

Muitas dessas qualidades falham em absoluto em «Frankenstein» agora exibido no écran do mesmo cinema. «Frankenstein» é a história grã-guinholesca dum médico que cria um monstro com pedaços de cadáveres. Uma novela com preocupações a arrear, de Shelly, forneceu o entrecho sombrio dêste filme, sem base científica séria, ou sequer aceitável.

Abstraindo mesmo do absurdo inicial do argumento, o filme comporta grande número de inverosimilhanças desnecessárias que prejudicam o seu poder emotivo. Assim, por exemplo, as imagens do enforcado em flagrante anacronismo com o moderno anti-teatro de medicina. Mas é sobretudo o desenrolar da acção que se nos afigura irregular e em evidente contradição com os preceitos do género. As cenas iniciais empolgam o espectador, subjugam-no, obrigam-no a viver angustiado alguns momentos de terror. Depois, a sugestão enfraquece, perde a melhor parte do seu poder e permite ao espectador recuperar o seu sentido crítico. É êste o defeito fundamental do filme e o que mais prejudica o seu desenvolvimento.

A pesar disso, o filme possui, como já dissemos, cenas de grande poder emotivo e belas composições de imagens. As passagens do enterro que abrem o filme, as cenas na velha torre abandonada, a perseguição do monstro na montanha e o incêndio do velho moinho, são formadas de admiráveis imagens dum grande poder de sugestão. Alguns cenários bem construídos

CINEMA

REVISTA DAS ESTREIAS

dão a essas cenas um notável carácter de irrealdade que se adapta bem ao espírito da obra.

A interpretação, dum modo geral, é insignificante. Colin Clive, no papel do sábio que descobre a radiação capaz de insuflar a vida, tem uma interpretação movimentada em que pouco exhibe os seus recursos. Mac Clarke faz a figura apagada da esposa do inventor sem oportunidade, também para brilhar.



Um momento de meditação de Clive Brock que vimos há pouco no filme «24 horas»

Há na verdade a salientar a interpretação de Boris Karloff que compôs um monstro inhumano, obra complexa de maquilhagem, pouco convincente talvez. O seu trabalho vale apenas pela composição da figura hedionda, pois que o carácter muito especial do papel não se prestava a exibição de grandes talentos fisionómicos. É êle, de resto, o clou do filme e contribui, largamente, para formar o ambiente de terror em que a acção se desenrola.

Resta assinalar a espirituosa apresentação do filme feita pelo ilustre homem de letras francês

Gaul Reboux. Quanto mais agradável não nos teria sido fazer referência a uma apresentação feita por um escritor português...!

O som a que se fizeram, dum modo geral, críticas depreciativas é em parte aceitável, por vezes mesmo muito bom. Só a *doublage* vocal dos actores é deficiente, fazendo ressaltar a discordância entre as imagens e o diálogo. No que respeita aos ruídos, que fazem parte da versão original, há a registar certos efeitos sugestivos como as lamentações que acompanham a cena do enterro e que acrescentam muito o seu poder emotivo.

Os apreciadores de documentários tiveram desta vez um espectáculo a seu gosto no Tivoli com o notável filme de África «Congorila». É um conjunto de cenas em que à beleza da floresta, à fotogenia característica do imenso continente negro é dado um justo relevo. Mas o que lhe dá um lugar distinto entre todas as produções do mesmo género que temos apreciado é a notável honestidade de processos empregada na sua realização. Com prejuízo embora do interesse espectacular, nenhum *truc* foi empregado o que dá ao filme um carácter de autenticidade do mais alto valor. E isso compensa bem a falta de lances dramáticos que se lhe poderia atribuir.

Por fim, o mais notável filme ligeiro apresentado foi «Eu de dia e tu de noite» um espectáculo agradável, dos que deixam no espírito uma recordação risonha. Fernand Gravey e Kate von Nagy têm os principais papéis a que imprimem vivacidade, frescura e optimismo. O argumento é uma *trouaille* feliz, embora pudesse ter sido mais bem explorado. Nas mãos dum realizador como René Clair ou Lubitsch teria, decerto, resultado muito superior. Mas assim como está ainda dá fartos motivos para sorrir e é tudo quanto dêle podíamos pretender.

Com o sugestivo título «24 horas» exibiu se também no Tivoli um filme curioso, obra para apreciadores que buscam no cinema alguma coisa mais do que o divertimento dos olhos.

«24 Horas» é cinema psicológico, de observação. Pode dizer-se que o problema que estuda pertence mais ao dramaturgo que ao cineasta, fica melhor no palco do que no écran. Está certo. O próprio desenvolvimento da obra se ressentia dessa circunstância, porque é excessivamente lento, talvez mesmo exaustivo em muitas das suas passagens. Apesar disso, deve reconhecer-se que a observação é justa, o menor exacto. E há ainda a interpretação que é digna dos maiores elogios. Miriam Hopkins faz o papel duma cantora de *cabaret* e enriquece-o com todas as seduções da sua beleza estranha. Clive Brook é o mesmo actor inteligente de sempre.

Para terminar estas considerações queremos fazer uma referência à qualidade inferior dos complementos de programa que se exibiram conjuntamente com algumas destas obras.

O progressivo desenvolvimento da cinematografia tem tido, como é natural, uma influência enorme na concepção das casas de espectáculos.

Uma das principais resultantes desse desenvolvimento é o aumento de capacidade dos cinemas, que atinge, nas modernas salas das grandes capitais, proporções verdadeiramente gigantescas.

Assim, por exemplo, o «Gaumont-Palace» de Paris, considerado o maior do Mundo, tem capacidade para 6.000 espectadores. E em Londres, Berlim e Nova York existem diversos cujas lotações variam entre três e cinco mil.

O aparecimento do fonocinema e as dimensões enormes das salas fizeram surgir perante os técnicos um número incalculável de dificuldades, em cuja solução se encontram empregados todos os recursos da ciência.

É geralmente sabido que a acústica duma sala é tanto melhor quanto mais reduzidas forem as suas dimensões. Nas grandes salas há que contar com a ressonância, ou seja com a reflexão das ondas sonoras, cujo efeito é sempre deplorável. Para remediar esse inconveniente todas as superfícies da sala estão recobertas de materiais com grande poder de absorção do som, que evitam, por tanto, a sua reflexão. Mas aí uma nova dificuldade se levantou — o volume de som necessário. De facto, possuindo todas as paredes da sala um grande poder de absorção, é necessário que o som seja extremamente forte para se fazer ouvir em toda a sala. Os aperfeiçoamentos constantes na reprodução sonora resolveram esta dificuldade.

O comprimento da sala, por seu lado, pôs em embaraço os técnicos no que respeita ao sincronismo. Sabe-se que o som só percorre 340 a 360 metros por segundo ao passo que a luz caminha com a prodigiosa velocidade de 300 000 quilómetros no mesmo espaço de tempo. Ora tendo a sala do «Gaumont Palace» setenta metros de comprimento, segue-se que o som chega à extremidade contrária com um atraso de dois décimos de segundo sobre a imagem. Donde resulta uma falha no sincronismo muito sensível e de pessimo efeito.

Uma única forma se oferecia de resolver esta dificuldade. Considerou-se o meio da sala como ponto de partida dum sincronismo rigoroso. Deste modo os espectadores da primeira fila recebem o som com um avanço de $\frac{1}{10}$ de segundo sobre a imagem e os das últimas filas com idêntico atraso. Esta diferença é inapreciável e em nada prejudica já a sensação de simultaneidade entre o som e a imagem, que o espectador exige.

A audição de orquestras e a exibição de numeros de variedades foram previstas na construção destas salas, visto que quasi sempre elas precedem o espectáculo cinematográfico. Para que músicos e artistas conseguissem fazer-se ouvir recorreu-se a um sistema de microfones, amplificadores e alto-falantes que se encontram dissimulados no palco e através dos quais a voz e a música saem ampliadas em proporção com o volume da sala. Os innumeros progressos técnicos obtidos permitem que esta sobreposição de sons se faça com tal rigor que nem mesmo um ouvido exigente pode reconhecer-lhe a menor deficiência.

CINEMA

SALAS DE ESPECTÁCULO MODERNAS

Mas este sistema de amplificação dos sons produzidos em cena levantou por sua parte delicados problemas cuja solução é um prodígio de engenho. Foi preciso evitar que os microfones fôsem impressionados pelos sons provenientes dos altos-falantes. Se assim succedesse, o som



Carol Lombard num momento de despreocupação

seria de novo reproduzido, iria de novo impressionar o microfone e assim indefinidamente, o que acabaria por transformá-lo num ruído confuso. Por aqui se avalia quanto a disposição de toda esta aparelhagem foi obra de minucioso estudo.

Existe ainda um outro sistema de reprodução sonora que possui vinte alto-falantes espalhados pelo edificio. A sua função consiste em anunciar o fim dos intervalos e em distribuir publicidade comercial. Esta instalação é independente do resto do cinema, na previsão dum sinistro em que serviria para orientar o público e sua potência sonora é de molde a dominar o maior pânico que nesse caso se viesse a estabelecer.

Um melhoramento curioso adoptado no «Gau-

mont Palace» consiste em dispôr espalhados pela sala cento e vinte oito lugares munidos de auscultadores, destinados aos espectadores pouco favorecidos de ouvido.

Finalmente, tudo se reune para dar ao espectador o máximo conforto. O ar é constantemente renovado. Poderosas bombas aspiram-no do exterior, extraem-lhe as poeiras que contenha, regulam o seu grau de humidade e temperatura e lançam-no na sala ao mesmo tempo que o ar viciado é expellido. Em pouco mais de meia hora toda a imensa cubagem do «Gaumont» — 60.000 metros cúbicos — é assim renovada. E é graças a esse processo que a temperatura ambiente é mantida, de tal modo que, quer em pleno inverno quer no pino do verão, o espectador pode estar certo de encontrar uma temperatura primaveril nesses vastos templos da moderna religião do cinema.

A par destes aperfeiçoamentos uma complicada maquinaria se dispôs no sentido de dar ao espectáculo todo o seu esplendor. A orquestra é introduzida na sala sobre uma plataforma móvel que a transporta dum pavimento inferior. A própria decoração foi objecto de cuidados muito particulares por isso que está disposta no sentido de ser modificada consoante o carácter do filme.

Inútil se torna dizer que a projecção atinge nestes casos um elevado grau de perfeição apesar das dificuldades criadas pelo comprimento da sala que foi mister vencer. A iluminação da película é feita por um jacto de luz de extraordinária intensidade. Mas as máquinas de projecção acham-se preparadas para evitar o excessivo aquecimento da película e assim esta pode desfilir sem perigo ante o poderoso foco luminoso.

A maior parte destes grandes cinemas funciona quasi sem interrupção de dia e de noite. Só durante as primeiras horas do dia o espectáculo deixa de desfilir ante uma assistência sempre renovada. Essas horas são consagradas a limpezas. Uma multidão de trabalhadores faz rapidamente essa tarefa para que, dentro de pouco tempo, o cinema possa de novo abrir as suas portas ao público — que acorre à sua bilheteira tanto às onze da manhã como às três da madrugada. E durante as vinte horas que se seguem de novo o cinema enorme deixa perpassar através de si milhares de espectadores que buscam uma distração, um passatempo, ou ainda, um bom *fauteuil* onde dormir.

Como já dissemos, quasi sempre o espectáculo cinematográfico é precedido de numeros de variedades ou audição de excelentes orquestras. Mas o fundo do espectáculo não deixa por isso de ser a projecção cinematográfica, remate do programa em que tudo o mais é acessório. E isto é prova eloquente do muito interesse que o cinema merece ao público das grandes capitais onde os divertimentos abundam e estabelecem entre si animada concorrência.

Finalmente, a segurança do pública e os meios de defesa contra incêndio foram elevados ao máximo.

Não existem ainda em Portugal cinemas destas proporções, nem a exiguidade do nosso meio os tornaria aconselháveis. Mas há nos que acabamos de citar aperfeiçoamentos que gostaríamos de ver aplicar entre nós.

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Eisenstein

CHEGOU ao seu termo a carreira de Eisenstein no mundo do cinema capitalista. O incomparável autor de «Linha Geral», lançado num meio hostil às suas elevadas concepções da arte cinematográfica e estranho aos seus processos de trabalho, fulhou, na aceção mais nobre deste termo.

Atraído à América pelas propostas da «Paramount» Eisenstein devia aí realizar «A Tragédia Americana» baseado no romance célebre de Theodore Dreiser que é uma crítica impiedosa da civilização americana.

A ideia devia sorrir ao artista de «O Couraçado Potemkine». Mas as exigências da empresa, as restrições que lhe começaram a ser impostas, cercaram de tal modo a sua liberdade de criador que uma única solução digna se lhe apresentou — rescindir o contrato.

Desiludido, por certo, mas contando ainda com o apoio financeiro de Charlie Chaplin e Upton Sinclair, conhecido escritor socialista norte-americano, Eisenstein partiu para o México onde empreendeu a realização dum grande filme baseado nos costumes pitorescos desse país e a que deu o título de «Viva o México!»

Animado pela riqueza do assunto, Eisenstein nem notou que o seu filme ficava longo demais. Compôs uma obra imensa ao longo de 66.000 metros de película, que levaria mais de dois dias e duas noites para projectar inteiramente num écran.

Quando se dispunha a regressar de novo a Hollywood para negociar a colocação desse filme, foi-lhe recusada a entrada no território americano por motivo das leis de imigração em vigor.

Entretanto, em virtude mesmo do seu sentido pouco comercial, «Viva o México!» redundava num fracasso. Vai ser agora reduzido às proporções usuais e correrá Mundo como filme de viagens.

Eisenstein, por seu lado, regressou a Moscovo, onde vai realizar um filme sobre o plano quinquenal russo. Esperemos confiados que a sua arte ressurgirá de novo nesse ambiente, o único que convém ao seu genial talento de cineasta. — M. R.

George Bernard Shaw, o maior escritor contemporâneo da língua inglesa está fazendo uma larga digressão através do Mundo, que o levará, entre outros locais, a Hollywood.

Apesar da indiferença pelas coisas de cinema que se atribui ao romancista, os produtores não deixam de encarar a hipótese de adaptar ao cinema algumas das suas obras. Samuel Goldwyn já se lhe dirigiu mesmo, telegraficamente, pedindo a cedência dos direitos dum dos seus

mais populares romances que seria interpretado no écran por Ronald Colman.

Parece provável que o célebre escritor succumba às tentadoras promessas que lhe vão ser feitas. Tanto mais que a par dum admirável talento literário se lhe atribui uma rosaica inclinação para os negócios.

Sucedem-se os desentendimentos entre Marlene Dietrich e os dirigentes da «Paramount». Agora é a conhecida atriz que se recusa a trabalhar sob as ordens de outro realizador que não seja Joseph von Sternberg.

Esta sua atitude teve como consequência ser posta de parte a realização de «A Canção das Canções» cuja realização a «Paramount» tencionava confiar a Rouben Mamoulian, o grande encenador de «O Médico e o Monstro».

Os prejuízos que este facto traz à empresa são,



«Spanky» ocupa-se em adestrar o cão que com ele toma parte na «Pandilha»

segundo se diz, consideráveis, pelo que esta requereu aos tribunais uma indemnização de cento e cinquenta mil dólares. E a questão apresenta-se agora com este aspecto tanto mais grave para a empresa quanto é certo que Marlene Dietrich é, actualmente, a mais popular das suas «estrelas» e a que maior quantidade de correio recebe dos seus admiradores.

Referindo-se ao último filme de Cecil B. de Mille, «O Sinal da Cruz», a crítica americana reconhece nele as admiráveis qualidades que marcam as obras deste grande realizador.

A acção de «O Sinal da Cruz» passa-se em Roma, sob o domínio de Nero. Charles Laughton, que interpreta o difícil papel de imperador despótico e cruel, tem, segundo a mesma crítica, uma admirável interpretação. Secundam-no bem

Claudette Colbert e Elissa Landi. O filme tem uma apresentação grandiosa em que a época dos césores é evocada em todo o seu esplendor. Muitos episódios repassados de sensualidade pagã são duma audácia invulgar e contrastam, singularmente, com o carácter puritano de toda a obra de De Mille.

Já foi apresentado e conquistou um enorme êxito aquêle filme a que nestas páginas nos referimos em tempo, dirigido por novos realizadores diversos em volta dum mesmo episódio inicial.

Este filme, que tem o título «Se eu tivesse um milhão» constituiu, como se previa, um motivo de grande interesse para o público que frequenta os cinemas, que se enganhou em adivinhar quem eram os realizadores das diferentes partes de que se compõe o filme.

Além disto, excitados por uma emulação bem compreensível, todos os realizadores entre os quais se conta Ernst Lubitsch, acumularam no que lhes foi dado fazer os melhores recursos da sua imaginação.

A vaga crescente do desemprego conduz as autoridades americanas a um rigor cada vez maior para com os imigrantes. Diversos artistas se encontram ameaçados de expulsão do território do Estados Unidos.

Entre eles contam-se Maurice Chevalier, Ronald Colman, Clive Brook e outros. Hesita-se, porém, em executar tais medidas não só pelo desagradável efeito que iriam provocar em todo o Mundo como pelos embaraços que viriam criar á exportação dos filmes americanos.

Já foi apresentado em Berlim o filme «I. F. 1 não responde», produção de Erich Pommer a que já por diversas vezes nos temos aqui referido, e que dentro de curto prazo será exibido também em Portugal.

Segundo a Imprensa alemã este filme agradou plenamente e deve ser considerado como o melhor da presente temporada.

Ramon Navarro e Dolores del Rio associaram-se com o propósito de produzir filmes falados em espanhol. É de esperar que com esta conjugação de esforços muito tenha a lucrar o fonocinema da língua espanhola.

A empresa americana «Radio Pictures» está realizando uma comédia cujo enredo consiste na história duma criada que se faz passar durante algum tempo por Gretá Garbo.

Não é já esta a primeira vez em que a extraordinária figura da grande actriz suéca fornece aos realizadores assunto para os seus filmes.

VIDA ELEGANTE

Na Costa do Sol

A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol organizou ha dias um Concurso de Automovel de Elegancia e Conforto, que resultou brilhante. Milhares de pessoas assistiram á prova.

E' de louvar a iniciativa, como é de louvar a realisação, devida a Augusto Pina, que soube interpretar os desejos da Sociedade Propaganda da Costa do Sol e dar-lhe inteira e perfeita satisfacção. E—caso curioso e a notar—não houve protestos em volta da classificacção, o que mostrou o espirito de justiça e de acertado bom gosto com que o júri procedeu.

Inscreveram-se 37 carros e os resultados foram os seguintes:

Classificacção geral — Elmano Vicente Ribeiro, com um «Standard»; 2.º, Ricardo Novais, com um «Packard»; 3.º, Coelho Pacheco, com um «Graham Paige»; 4.º, Rios de Oliveira, com um «Hupmobile»; 5.º, Nunes de Carvalho, com um «Lincoln»; 6.º, D. João de Vilhena, com um cabriolet «Graham».

Classificacção por categorias—Categoria A, não houve concorrentes; B, torpedos, 4 e 6 lugares, mais de 10 cv., N. N., com um «Peugeot»; C e D, não houve concorrentes; E, conduites inferiores, 6 lugares, J. Alves da Silva, com um «Renault» (verde); F, conduites inferiores de 4 lugares, até 10 cv., José Mascarenhas Vieira da Mota, com um «Peugeot» (encarnado); G, conduites interiores de 4 lugares mais de 10 cv., 1.º, Rios de Oliveira, com um «Hupmobile» (azul); 2.º, Guerin, com um «De Soto»; H, Faux cabriolet, 2 e 4 lugares até 10 cv., 1.º, Madame Albertina Supardo, com um «Morris»; 2.º, Emilio Pellen, com um «Standard»; I a K, não houve concorrentes; L, coupé de ville, de 2 lugares, mais de 10 cav., Joaquim Ereira, com um soberbo «Eco»; M, cabriolet, 4 e 6 lugares, até 10 cav., 1.º, Luz Pereira, com um «Opel»; N, idem, mais de 10 cv., 1.º, um automobilista estrangeiro, inscrito á ultima hora, com «Ford»; 2.º, João Gelweiler, com um «Citroen»; P, cabriolets de 2 lugares, mais de 10 cav., 1.º, Antonio Lara, com um «Cord»; 2.º, S. S., com um «Rockne».

Logo a seguir á prova e no chá dançante do Casino, procedeu-se á entrega dos premios,

entre grande animacção e vibrantes aplausos.

O júri da prova foi constituído pelos srs. visconde de Vila Maior, Guilherme Cardim (presidente da Sociedade Propaganda da Costa do Sol, que patrocinou e premiou a prova), dr. José Pontes, Mr. Rosenthal, Diniz de Almeida e Alberto da Camara, tendo como commissarios adjuntos os srs. Mouton Osorio e Guilherme Pereira de Carvalho.

Na Legacção de Italia

Solenizando o dia de Reis, a Legacção de Italia deu, há dias, uma brilhantissima recepção, a que presidiaram o sr. Luigi Mariani, ilustre encarregado dos negócios daquele país, e sua esposa.

Foram inumeras as pessoas que acorreram ao antigo palácio dos condes de Pombal, onde foi servido um «chá» aos convidados.

Entre a numerosa assistencia lembramos ter visto o pessoal da Legacção, convidados, Camara do Commercio Italiana, Direcção do Fascio, tenente coronel Esmeraldo Carvalhais, chefe do protocolo do Ministério da Guerra; dr. Vaz Sarafana, do Ministério dos Negócios Estrangeiros; capitão Santana, do protocolo do Ministério da Guerra, etc.

Casamentos

Em Murtosa realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria do Carmo Marques Vieira Pinto, gentil filha da sr.ª D. Rosalina Marques Vieira Pinto e do sr. Alfredo Vieira Pinto, do Conselho de Administracção do *Diario de Lisboa*, com o sr. Antonio da Cruz Barbosa, filho da sr.ª D. Maria Augusta da Cruz Barbosa, já falecida, e do José Maria Barbosa, tendo servido de padrinhos da noiva seus pais e do noivo seus tios, o sr. dr. Carlos Barbosa e sua esposa, a sr.ª D. Maria Augusta Vieira Pinto Barbosa.

A cerimonia que teve um caracter muito intimo, presidiu o rev. paroco de Arouca, monsenhor Pantaleão José Costeira, sendo acolitado por seu irmão o rev. paroco de Monte da Murtosa, padre Manoel Costeira e foi realizada na capela particular da avó da noiva.

— Na paroquial igreja de S. Nicolau realizou-se o casamento da sr.ª D. Cremilda da Conceição Maria da Graça, gentilissima filha da sr.ª D. Adelaide Lopes Graça e do sr. Francisco Graça, com o capitão de infantaria sr. Augusto Souza Medeiros.

Serviram de padrinhos da noiva sua mãe e seu irmão, o sr. Francisco Florentino Graça, e do noivo a irmã da noiva, a sr.ª D. América Graça Gonçalves, e o general sr. João Julio dos Reis e Silva.

— Em capela armada na residencia de seu pae, o sr. José Rodrigues Prieto, á rua Pigneiro Chagas, realizou-se o casamento da sr.ª D. Aurelia Rodrigues Martins Prieto,



O júri de honra do Concurso Automovel de Elegancia e Conforto que se realizou no Estoril

com o sr. Fernando Guimarães de Oliveira, filho da sr.ª D. Laura Guimarães de Oliveira, e do sr. Bento de Oliveira, tendo servido de padrinhos os respectivos pais.

Foi celebrante o rev. dr. José Felipe Rodrigues, que fez aos noivos uma brilhante alocução, depois da missa.

— Pelo sr. Ernesto Donato e sua esposa a sr.ª D. Augusta Donato, foi pedida em casamento para seu filho Jorge, a sr.ª D. Virginia Gomes Vieira, gentil filha do sr. Anibal Vieira. O casamento deve realizar-se brevemente.

— Pelo sr. Abilio da Silva Torres foi pedida em casamento para o sr. Avelino dos Anjos Gomes, a sr.ª D. Maria Julia Fontes Vieira, gentil filha da sr.ª D. Albina Rodrigues Fontes e do sr. Augusto Salvador Vieira, devendo a cerimonia realizar-se brevemente.

— Pela sr.ª D. Laura de Moura Coutinho de Almeida Eça Braamcamp de Matos, viúva do sr. Manuel Braamcamp de Matos, foi pedida em casamento para seu filho Eduardo Manuel, a sr.ª D. Maria Izilda Gonçalves Faria Videira, gentil filha da sr.ª D. Alice Gonçalves da Costa Videira e do sr. capitão Artur da Silva Videira. A cerimonia deve realizar-se brevemente.

— Pelo sr. Abilio da Silva Torres foi pedida em casamento para o sr. Avelino dos Anjos Gomes, a sr.ª D. Maria Julia Fontes Vieira, gentil filha da sr.ª D. Albina Rodrigues Fontes e do sr. Augusto Salvador Vieira.

— Pela sr.ª D. Tagide Lopes Monteiro e esposo, sr. dr. Arlindo Camilo Monteiro, foi pedida em casamento para seu sobrinho o sr. dr. Julio Cesar Lopes Barbosa, médico em S. Tomé, filho da sr.ª D. Ester Lopes Barbosa e do coronel médico sr. dr. Cesar Barbosa, já falecido, a sr.ª D. Odette Correia de Sá, filha da sr.ª D. Berta Correia de Sá e do sr. Lindolfo Sarmiento de Sá, e neta dos srs. viscondes de Sá.

— Para o sr. Humberto Julio Mendes, foi pedida em casamento por seus pais, sr.ª D. Elvira Mendes e sr. Luiz Mendes, a sr.ª D. Elda Mendes Braga, gentil filha do sr. Augusto Mendes Braga.



Um aspecto da festa realizada na Legacção de Italia, dedicada ás crianças da colonia italiana



VIDA FEMININA

na placa de cobre pregada na moldura do retrato, em letras pretas o nome de Mrs. Pankhurst.

Vai uma surpresa e uma revelação. A sua doce fisionomia que transpira apenas doçura e suavidade, e, uma profunda inteligência, fez-me compreender, o que o seu grande coração deve ter sofrido, ao ver a situação inferior da mulher, da sociedade de antes da guerra, a inferioridade intelectual a que quasi era condenada, e os olhos da pintura pareciam dizer-me:

"Eu não era violenta, eu queria apenas o bem de todos, não queria ver a mulher que tem cérebro que tem coração, que tem alma, sempre rebaixada,

sempre deprimida, e tendo apenas no problemático casamento, uma situação... E o que seu coração sofreu e a indomita energia da sua alma, que atravez da doçura do seu olhar, se vê, disse-me como se falasse esse retrato encantador, de uma senhora, que a idade não desfeiu e que longe de ser a megêra, que eu supunha a mulher, que a fealdade revoltara, era uma bonita senhora que quasi nos diz, que a sua vida particular foi feliz e que o que a revoltou foi a desgraça em que ela via abismadas tantas outras mulheres. E dessa conversa muda com o olhar desse retrato, eu sai de ali, com a maior admiração pela elevação da sua alma, pela energia da sua obra, que é hoje na Inglaterra uma realidade, pelo bem que fez e, completamente reconciliada com os retratos a óleo, que quando bem feitos, podem ainda depois da morte, quando o valor existiu, demonstrá-lo e fazer comunicar uma grande alma desaparecida, com os que saibam ver e compreender a beleza moral de certos traços fisionómicos.

Maria de Eça.

Modas

NESTA época de intenso frio, o que nos interessa nas modas, é sobretudo o que diz respeito, aos casacos de abafio. Este ano a variedade é imensa. Para responder às inúmeras perguntas que nos chegam sobre os casacos de peles, que leitoras, que os possuem receiam usar por não estar na moda, damos um lindo modelo em «vison» e asseguramos às nossas leitoras, que um belo casaco de peles, está sempre na moda e que nada há que possa comparar, como agasalho nesta quadra do ano em que o frio

domina até as mais temperadas regiões da Europa.

O casaco de peles que hoje damos, é um lindo modelo de Isobel o grande peleiro de Regent Street onde a aristocracia inglesa e mesmo a cosmopolita se fornece de peles porque é «chic» ter um modelo de Isobel. É sempre bonito num dia de frio ver um lindo rosto de mulher emoldurado por bonitas peles e nada há que dê um aspecto mais confortável. Para as não friorentas, damos um modelo que é também de bastante agasalho apesar de não tanto como os casacos de peles.

É o modelo da estação, o último grito da moda, o que marca a época. É um casaco vestido, em lã castanho escuro, abotoado até acima e guarnecido com uma capa e regalo em «astrokan» castanho. Modelo de Heim tem o «chic» dos seus modelos e marca com a amplidão das mangas nos cotovelos a linha deste ano. A fotografia é de Mrs. Nada Ruffer, que se prestou a posar para espalhar pelo mundo inteiro a elegância do casaco, que lhe assegurou um verdadeiro sucesso. A graciosa «toque» que o acompanha é um modelo de Rose Descat, a grande modista parisiense, que põe nos seus chapéus toda a graça que Paria empresta às suas modistas, que apesar de tudo serão sempre as primeiras do mundo.

Crianças

NÃO esquecendo o bebé sabemos que alegamos profundamente o coração das mães que, ansiosamente procuram nos figurinos um lindo modelo para tornar mais graciosos os seus filhinhos. Hoje têm as nossas leitoras dois modelos muito bonitos, para vestir confortável e economicamente, os seus filhinhos. Para a menina uma saia em jersey

azul escuro em prégas, uma «chandaille» em lã azul da prússia, e, uma touca em lã da mesma cor da «chandaille», que lhe dá um aspecto de aviador, para o pequenito calções em pano azul e blusa em seda branca, ou querendo, que seja mais agasalhado pode fazer-se em sarja de lã branca. Para sair, um casaco comprido azul escuro com botões amarelos e um boné à maruja. São «toilettes» não extremamente caras e que tornam as crianças encantadoras pela sua simplicidade elegante, que é sempre o que mais favorece as creanças a quem os vestidos complicados não ficam bem.



Os grandes retratos, os retratos a óleo, esses retratos de parada, inspiraram-me sempre a maior antipatia. Nunca pude suportar a idéia, de ter um desses retratos em que quasi nos vemos, como num espelho, vendo esse olhar, que nos segue e é o nosso, essa cor de cabelos, que quando bem reproduzida é a nossa, essa figura esse rosto, que é quasi como o retrato de Dorian Grey a nossa consciência erguida em vulto, deante de nós, porque nessa efigie, em que os outros vêm apenas a aparência exterior, nós devemos ver os nossos pensamentos e os nossos mais secretos sentimentos, e, não deve ser agradável vermo-nos expostos a todos os olhares, sujeitos a que os nossos defeitos físicos e quem sabe de um pouco dos morais, possam ser analisados e observados, sem reboço e sem cerimónia, pelo público em geral. Mas este ano na National Portrait Gallery de Londres vi um retrato que me fez mudar de opinião. É que nesses retratos quando bem feitos, podem resaltar também as nossas qualidades, a simpatia de quem a possui e pôde até fazer com que se faça justiça a uma obra até aí mal compreendida.

O retrato que assim me fez mudar de opinião é o retrato de Mrs. Pankhurst, a grandepioneira do feminismo em Inglaterra. Habituada a ler nos jornais essas notícias do que foi a luta violenta das feministas na Grã-Bretanha, antes da guerra e mesmo depois dela, a ver umas horribeis fotografias de umas mulheres medonhas, deitando abaixo candieiros à pedrada e vendo sempre o nome de Mrs. Pankhurst, como sua dirigente, eu tinha criado na minha imaginação uma quasi megêra, que apesar da simpatia, que muitas das suas idéas me inspiravam, me causava repulsa, pela forma, que usava para as impôr.

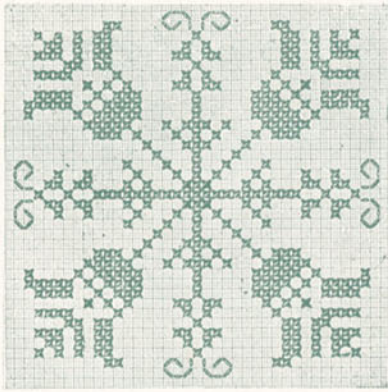
Na National Portrait Gallery, porém a minha opinião foi completamente modificada. Vi um lindo retrato de uma senhora já de idade, com o ar de maior distinção, que se possa exigir a uma requintada lady, com uma fisionomia de feições miúdas, de uma expressão muito suave, adoçada ainda, por uma frisada cabeleira branca, desse branco que acusa o loiro da juventude e sobretudo uma expressão de bondade, que até nas mãos se refletia, porque ha mãos de bondade e mãos de maldade, aproximei-me atraída, por uma irresistível simpatia, desse retrato, que de longe me chamava e com espanto vi gravado

Trabalhos femininos

A moda nos trabalhos é como a moda no vestir. Anda sempre em volta de um eixo e usa-se hoje o que já se usou há cinquenta anos. Voltou a usar-se com todo o entusiasmo o ponto de cruz. Usa-se guarnecendo a roupa de mesa, de cama e muito como enfeite dos vestidos de criança. Damos hoje dois desenhos diferentes, ambos lindos e que devem produzir um belo efeito executados em linhos ou sedas de várias cores no género dos vestidos e blusas romenas e búlgaras. São guarnições, que ficam bem em toda a parte. Nos cortinados das janelas, nos «brise-brises» e nos reposteiros em linhagem, ou, estopa agora tanto em moda, estas guarnições a ponto de cruz. É um trabalho que entretém e não é difícil nem demorado a fazer, requer apenas um pouco de paciência para não haver enganos na contagem dos pontos o que estraga completamente o efeito.

O rato

O familiar rato caseiro, não é já motivo para aflições nem sustos entre o elemento feminino. Nenhuma «console» ou vitrine ou mesa de «bondoir» está completa hoje, sem um ratinho. Usa-se até atado no pulso e nada teme dos gatos. Mas não se ponham nervosas, minhas senhoras, trata-se de ratinhos de malacate de marfim ou de galalite, que estão agora



suem melhor, mais sorte trazem e assim há mesas cobertas com exércitos de rato se até nas carteiras das senhoras os há e, assim a fortuna sorrirá a quem mais os distinguir, e, talvez que com essa imposição da moda acabe o medo que o rato inspirava.

O que revela o andar

Um reputado sábio, investigador destes a quem as pequenas coisas não escapam e a quem todos os actos revelam qualquer coisa de interessante, estabeleceu, que ha quatro qualidades de passos. Os passos curtos e apressados, proprios da gente superficial. Os passos lentos e compassados, que designam as almas serenas e simples. Os grandes passos lentos que indicam uma vontade reflexiva. E os grandes passos apressados, que denotam ardor e decisão e espirito de combate. As pessoas empreendedoras e seguras de si proprias, andam direitas, pisando com força e batendo com os calcanhares. As pessoas traiçoeras e falsas andam sempre curvadas e fazendo curvas e sem fazer barulho. Parece que também andam assim as diplomadas. Os desenganados da vida arrastam os pés. As energicas arqueiam o corpo. As preocupadas bamboeiam-se e as timidas andam encostadas ás paredes. Seguindo as teorias deste sábio, basta ver as pessoas andarem para se saber o caracter dos que nos rodeiam, basta vê-las andar.

Conselhos uteis

Manchas de resina: — Estas manchas são facéis de tirar, na roupa ou em qualquer peça de vestuário. Tudo está em saber como. Sabão e agua quente são muitas vezes empregados, mas sem resultado. Não é isso o que ha a fazer.

Coloca-se por cima da mancha, mas não em contacto directo, um ferro de engomar, bem quente, de maneira que aqueça sem queimar, o sitio enodado. Logo que a resina está aquecida e começa a dissolver-se, lava-se rapidamente com alcool. Desaparece por completo.

O pano marlado: — Para fazer desaparecer do pano de linho ou de algodão as manchas de marlado, produzidas pela humidade, que em geral, resistem á barrela, faz-se o seguinte: Misturam-se duas partes de sabão mole, duas

em moda como amuletos.

A joalheria de artefacto faz com elles trabalhos notáveis. Há-os perfeitissimos, alguns ostentando os seus bigodes, no focinho agudo e esparto. A moda impôs esse bicho um pouco repugnante, e que sem motivo, inspirou sempre às senhoras, um terror exagerado enquanto a proporção de quem o inspirava como «mascote», e quanto mais se pos-

partes de pó de amido e uma parte de sal comum e sumo de limão. Estende-se esta composição sobre os pontos marcados do pano, com um pincel, do direito e do avesso. Deita-se a secar, na relva, ou, como vulgarmente se diz no côrdoiro, até as manchas tenham desaparecido, e, sem tocar no pano, que se deixar estar sempre estendido.

Os legumes

Todos os higienistas ralham por comermos muita carne. Naturalmente que a carne é um alimento necessário, mas que deve ser usado sem exagero. Os legumes têm propriedades reconstituintes, tanto como a carne. Quem é que desconhece o valor nutritivo do espinafre e do feijão secos, em ferro? Quem não sabe que a potassa da batata torna este tuberculo um alimento precioso para os diabeticos e reumaticos? Todos os legumes verdes, todas as fructas, são ricas em vitaminas, e por consequencia preciosos, para a hygiene moderna. A sopa de verdura está em grande moda. A sopa de cebola é preciosissima para a saude, pois é rica em ferro, magnesia e enxofre. Quanto menos cosido for o legume mais elle conserva as suas propriedades e de mais facil digestão ele é. A moda de o



cosinhar a vapor é a melhor. Se somos obrigado a cosinhar na agua a batata, a cenoura, o repolho, devemos pôr pouca agua e retira-los do fogo apenas cosidos. Usem pois, legumes, todos os legumes, na mesa familiar se querem alimentar-se agradável e racionalmente.

Higiene e beleza

NADA mais aborrecido do que ter uma pele gorda apesar dessa qualidade de pele ter a vantagem de não enrugar com a mesma facilidade das peles secas. No entanto é sempre bom combater esse mal. O tratamento consiste em lavar se com agua quente adicionando-lhe cinco a dez gramas por litro de borato ou bicarbonato de soda, e com um bom sabonete de Alujol, que dissolve as matérias gordas, e destróe os orificios das glandulas. A agua quente e o alcool são de absoluta necessidade. Nunca se devem usar crèmes, pomadas, ou vaselinas. Deve usar-se a seguinte loção: Borato de soda 4 gramas, Eter sulfurico 10 gramas, Agua de rosas 25 gramas, Agua destilada 125 gramas. Em seguida a usar esta loção temperar com os seguintes pós: Oxido de zinco 20 gramas, talco 20 gramas, Pó de arroz 2 gramas, Extrato de violetas 2 gramas. Em pouco tempo toda a pele menos gordurosa e com muito melhor aspecto.

PIM DE PESTA

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I										
II										
III										
IV										
V										
VI										
VII										
VIII										
IX										
X										

Horizontais:

I — Subires de posição. II — Branco é... — Analogia. III — Prestes a afogar-se — Nota — Preposição francesa. IV — Rio da Sibéria — Passaro. V — Nota — Adianto caminho VI — Oração — Signal de parar, em inglês. VII — Repetido, imita o choro — Metade da vezada. VIII — Prefixo da negação — Astro — Entre casas. — IX — Bateria — Mosca de Africa. — X — Impulso — Cidade da India Portuguesa.

Verticais:

I — Regimes que desapareceram da Peninsula. 2 — O primeiro nome de mulher — Antigo nome de uma das Ilhas Britanicas. 3 — No fundo das lagoas — Artigo arabe. 4 — Religiosos. 5 — Artigo — Sem cheiro. 6 — Parte do corpo humano — Fachada lateral. 7 — Intimos de alguém. 8 — Está alegre — Que não é recto. 9 — Escolhido na votação — Desgaste. — Relação trigonométrica — Duas vogais.

PROBLEMA DE BRIDGE

Espadas. — 9, 4
Copas.
Ouros.
Paus. — Valete, 10, 9, 8, 6

10, 8, 7. — Espadas **A** Espadas
Dama, 5. — Copas **C** D Copas. — 4
Valetc. — Ouros **D** Ouros
5. — Paus **B** Paus. — Az, Rei,
Dama, 7, 3 2

Espadas. — Az, Rei
Copas. — Rei, Valetc, 10
Ouros. — 7
Paus. — 4

O trunfo é espadas. B, sendo mão, faz cinco das sete vasas.

Problema geométrico



Decompõe esta figura em seis partes iguais e semelhantes.

ANEDOTAS

Um certo João Fojaça, indo uma vez para falar a D. João III, tropeçou na ponta de uma esteira, e caiu.

Riram-se o rei e a rainha.
Mas o João Fojaça, levantando-se, fita-os muito sério, e diz-lhes:
— Se Vossas Altezas gostaram, e o querem, eu tropeço e caio outra vez!...

...

Bébé vê um dia, num jardim, uma ama preta a amamentar uma criança. Admira-se, e pergunta à mãe, que o leva pela mão:
— Ó mamã, aquele menino está mamando café ou chocolate?

...

Entre dois amigos:
— Estou zangado com minha mulher; por isso não fico hoje em casa.
— Isso é mau exemplo para teus filhos.
— Mas que hei de fazer, se ela me fechou a porta?

...

Ela: — Mas se ela aceitou os seus livros, as suas flores, os seus presentes, as suas cartas, aceitou, no fim de contas, tudo quanto era seu!
Ele: — Tudo. Até mesmo o meu rival.

...

Assim, o meu amigo está convencido de que o fumar tem para si utilidade?
— Convencidissimo. Minha sogra sáe da sala, logo que acendo o cachimbo!

...

Um auctor dramático:
— Então, que tal achou V. Ex.^a a minha peça?

A senhora interrogada: — Achei-a encantadora. Os fatos, então, são lindissimos. Quem os desenhou?

...

Ela: — Sabe? Li hoje, num jornal, que nos beijos ha microbios!
Ele: — E V. Ex.^a censura-os por isso?

...

— De maneira que o senhor pronuncia-se abertamente contra as mulheres literatas?
— Aberta e resolutamente.
— Tem, com certeza, algum fundamento para isso?
— Minha mulher é literata...

...

O Cruz: — Afinal como soubeste da idade dela?

O Pereira: — Pela cara satisfeita que fez, quando eu lhe disse que a mais bonita cidade da mulher era a dos trinta e cinco anos.

Onde estão escondidas três actrizes?



O TREVO DE QUATRO FOLHAS

Desde a mais remota antiguidade que o numero três tem sido respeitadamente considerado.

Este numero tinha uma profunda significação nas religiões de todo a especie, muito antes do aparecimento do Cristianismo e da crença na Santíssima Trindade.



Os druidas, por exemplo, acreditavam que o tres era o simbolo do Deus desco, nhecido. O trevo vulgar

portanto, com o seu formato de três folhas, partilhou sempre do respeito concedido a esse numero e figurava nas ceremonias druidicas. O trevo de quatro folhas, em parte devido á sua raridade e em parte ao facto das suas folhas formarem uma pequena cruz (simbolo religioso absolutamente alheio ao Cristianismo), era ainda mais respeitado, sendo sinal certo de vindoura felicidade o encontrar-se um. Segundo uma superstição muito antiga, as quatro folhas asseguravam áquele que tinha a dita de encontrar semelhante trevo, celebridade, riqueza, amor feliz e saude exuberante.

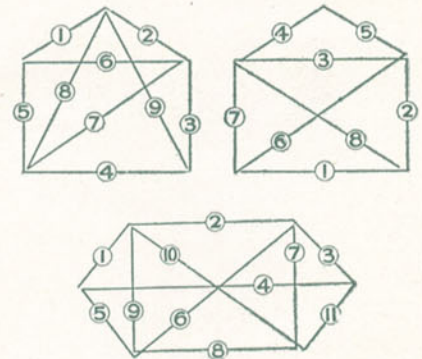
XADREZ

(Solução)

- | | | |
|------------------|---|--|
| Brancas | Pretas | |
| 1. — B 3 B D | } As pretas podem jogar o que quiserem. | |
| 2. — C 5 R | | |
| 3. — D dá o mate | | |

TRAÇO CONTINUO

(Solução)



PENSAMENTOS

A terra, *alma mater*, é o teatro de todas as metamorfoses: agua e ar a penetram e trazem, incessantemente, á sua superficie modificações e alterações.

...

Ha cadeias que são de ouro quando as vemos de longe, de chumbo quando as carregamos e de ferro quando se quer rompê-las.

...

A modestia é uma excelente qualidade e uma das que acompanham o verdadeiro mérito: ela conquista e captiva e os espiritos dos homens, assim como á presumpção e a imprudencia os melindram e lhes são repulsivas.

BRINDE MAIS PRÁTICO PARA TODA A FAMÍLIA



OS NOVOS MODELOS
 COM NOVAS LÂMPADAS **ARCTURUS VIDRO AZUL**, CONTROL DE VOLUME AUTOMÁTICO, SINTONIA SILENCIOSA MAIORES TRANSFORMADORES DE ALIMENTAÇÃO PROPORCIONANDO UMA VOLTAGEM AINDA MAIS REGULAR E MAIOR POTÊNCIA, COM UMA QUALIDADE DE SOM E UMA TONALIDADE ABSOLUTAMENTE PERFEITA



NÃO HA NADA QUE DISTRAIJA TANTAS PESSOAS DE IDADE E LHE FAZ PASSAR MOMENTOS AGRAVAVEIS COMO ESCUTAR, COMODAMENTE INSTALADOS NAS SUAS PROPRIAS CASAS, OS MAIS VARIADOS PROGRAMAS DE RADIO, DESDE O DISCURSO POLITICO ATE A MUSICA CLASSICA

OS JOVENS APROVEITAM O RADIO PARA DANÇAR E IMPROVISAR AGRAVAVEIS REUNIÕES, ASSIM COMO PARA CONHECER OS RESULTADOS DOS DESAFIOS DE FOOT BALL, CORRIDAS DE AUTOMOVEIS, APRENDER AS ULTIMAS CANÇÕES SEM VOGA E EXPLORAR O TERREMO BUSCA DE ESTACÖES EXTRANÇEIRAS

E NÃO DIGAMOS NADA, DOS MENINOS QUE PASSAM HORAS INTEIRAS DUVINDO AS ANEDÖTAS E OS CONTOS COM QUE AS ESTACÖES EMISSORAS AMENISAM OS SEUS PROGRAMAS, E A BOA MUSICA QUE LHE S EDUCAM O OUVIDO PARA AMANHÃ

ATWATER KENT RADIO

DISTRIBUIDORES PARA SUL E CENTRO **NACIONAL RADIO L^{DA}** R. DA BETESGA 57. 1º TELEF. 26251 LISBOA
 DISTRIBUIDORES PARA NORTE **ELECTRONIA L^{DA}** PRAÇA DA BATALHA 119. TELEF. 5800 PORTO
 DISTRIBUIDOR GERAL **HAZA 410 - VILA NOVA DE GAIA**

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado 10\$00
 Encadernado luxuosamente 18\$00

34.º — ANO — 1933

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DICIONÁRIO DO Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitões (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas, encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CIMENTO ARMADO

2.ª edição

Propriedades gerais. Materiais usados: o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Fôrmas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por *João Emilio dos Santos Segurado.*

1 volume de 632 pag., com 351 grav., encadernado em percalina **25\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O genial romance da guerra
Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlândia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

COLEÇÃO FAMILIAR

VOLUME
 BROCHADO

Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
 ENCADERNADO

Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Saiu a nova edição

**ESTUDOS SOBRE
 O CASAMENTO CIVIL**

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas | brochado 10\$00
 | encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

LIVROS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. .	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
 crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 pags., ilustrado,
 encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por **BENITO MUSSOLINI**

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'este livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulheres». — **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 págs., brochado
10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

CONCELHOS ÚTEIS

BRONZES
FLORENTINOS

Para fazer uma bronzagem florentina, passa-se sobre o objecto que se deseja bronzear, que deve ser previamente limpo com todo o cuidado, um verniz composto de gomalaca cereja em alcool, fazendo dissolver a goma no alcool. Este verniz applica-se com um pincel fazendo passar a peça bronzada pela estufa.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$00	126\$00
(Registada).	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em tódas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numerozo vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. *Dr. Cândido de Figueiredo* no NOVO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80—LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochados 30\$00
Encadernados 42\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta coleção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosaítores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo

Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados:

Afonso Lopes Vieira (1 vol.)
Alexandre Herculano (1 vol.)
Antero de Figueiredo (1 vol.)
Augusto Gil (1 vol.)
Camões lírico (4 vols.)
Eça de Queirós (2 vols.)
Fernão Lopes (3 vols.)
Frei Luís de Sousa (1 vol.)
Guerra Junqueiro (1 vol.)
João de Barros (1 vol.)
Lucena (2 vols.)
Manuel Bernardes (2 vols.)
Paladinos da linguagem (3 vols.)
Trancoso (1 vol.)

Estes volumes são do formato de 12 x 19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA



Nada ha melhor do que a OVOMALTINE

Muitas razões existem para afirmar que a "Ovomaltine" deve ser adoptada em todos os lares, para dar e manter a saude e vitalidade.

A OVOMALTINE é a bebida alimenticia mais económica que se póde adquirir. E' feita por um processo altamente científico, que com o decorrer dos anos se tem aperfeiçoado cada vez mais. Os seus componentes, cevada, leite e ovos frescos, das melhores produções suissas, tornam este

alimento o recomendado para manter uma aptidão mental e física perfeitamente equilibrada.

Tomando todos os dias ao pequeno almoço uma chavena da deliciosa OVOMALTINE, conseguirá triunfar contra todos os ataques á sua saude.

OVOMALTINE
é a saude

A' VENDA EM TODAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E BOAS MERCEARIAS, EM LATAS DE 110, 250 e 500 GRs. RESPECTIVAMENTE AOS PREÇOS DE 8\$50, 16\$00 E 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41, 2.^o

LISBOA